



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



**JOCIARA REJANE DA SILVA**

**O ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAJAZEIRA-PB

SETEMBRO DE 2016

JOCIARA REJANE DA SILVA

O ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao curso licenciatura em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras, como pré-requisito para a obtenção do título de graduanda em Pedagogia.

Orientador: Prof Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes

CAJAZEIRAS

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S586eSilva, Jociara Rejane da.

O ensino para as relações étnico-raciais na educação infantil/ Jociara Rejane da Silva. - Cajazeiras, 2016.

76p. : il.

Bibliografia.

Orientadora: Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes.

Monografia(Graduação em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Educação infantil. 2. Relações étnico-raciais. 3. Ensino infantil. 4. Concepção de professores - relações étnico-raciais. I. Lopes, Wiama de Jesus Freitas. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

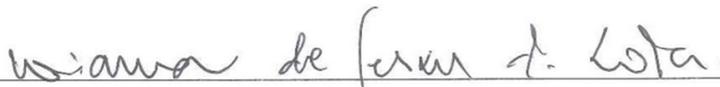
UFCG/CFP/BS

CDU-373.2

JOCIARA REJANE DA SILVA

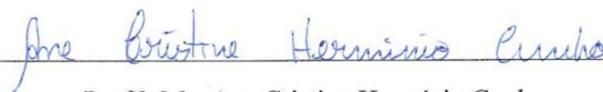
O ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes

Orientador - UAE/CFP/UFCG



Prof.<sup>a</sup>. Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha

Membro Examinador- UAE/CFP/UFCG



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Risomar Alves dos Santos.

Membro Examinador- UAE/CFP/UFCG

## Dedicatória

Dedico este trabalho em especial a *mainha* e para todos aqueles que acreditam que a Educação é o caminho para solucionarmos os dilemas presentes na nossa sociedade, e que é a frente mais capaz de promover o desenvolvimento de sujeitos críticos e reflexivos

## **AGRADECIMENTOS**

O percurso teórico-metodológico traçado na materialização deste trabalho, sem dúvida alguma é algo que perpassa a obrigatoriedade da realização do mesmo, ele é fruto de anseios pessoais, vivências. Investigar algo que se gosta não é trabalho torna-se dádiva, óbvio que sempre tem os obstáculos, porém com força de vontade e determinação esses mesmos obstáculos tornaram-se impulsos para ir sempre além.

Sem o menor resquício de dúvidas posso afirmar que sem o estímulo e apoio de um determinado grupo de pessoas não teria conseguido, trilhar esse caminho árduo, porém gratificante que tem sido meu processo formativo enquanto Pedagoga futura, profissional da educação.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui, por ser meu refúgio quando ninguém mais podia me ajudar, por sua infinita bondade e misericórdia em minha vida, até mesmo quando não entendia seus desígnios sabia que algo bom estava me aguardando mais a frente. Obrigada meu Deus por estar sempre revigorando minha fé, fortalecendo minha espiritualidade e humildade.

De modo muito especial quero agradecer:

A mulher mais importante da minha vida, Francisca Fabrício da Silva. Mainha que nunca mediu esforços para me ajudar, desde muito cedo me incentivou a estudar, a lutar pelos meus sonhos, estando sempre ali me apoiando, pois apesar de não ter tido a oportunidade de estudar é a pessoa mais sábia que conheço. Com seu jeito simples de ser sempre foi é, e será meu exemplo de mulher guerreira, batalhadora e determinada. E é essa determinação que vem me ajudando ao longo de todos esses anos. Quando bate o desânimo ela me dá força. Em cada vitória por menor que seja sempre tem a participação e torcida mais que especial dela. Mãe obrigada por tudo, principalmente por ser a melhor mãe, conselheira e amiga do mundo. (e por nunca me deixar desistir)

Essa conquista não é só minha, pois em cada curva desse caminho tem um pouquinho de cada um que me ajudou, desde os meus professores da educação básica que me deram os primeiros suportes necessários para uma longa caminhada que me aguardava.

Agradeço também aqueles que não acreditaram no meu potencial e que de certa forma serviram de estímulo pra eu fazer diferente e mostrar-lhes o contrário. Que eu poderia sim conquistar tudo o quero.

Agradeço minha irmã que me ajuda sempre e que mesmo não tendo muita paciência para estudar e às vezes implicando um pouquinho está sempre me incentivando. Do jeito dela, sei que torce por mim. E que está tão ansiosa quanto eu para o término da graduação.

A minha prima e seu marido, que cediam sua casa e o computador para que eu fizesse meus trabalhos, sempre com a maior boa vontade. Até mesmo quando passava madrugada por lá. Muito obrigada Nilza jamais esquecerei a ajuda, prima.

A minha irmã de coração Selma que me ajudou, desde a etapa do cursinho pré-vestibular. Obrigada por sempre estar com as portas abertas quando precisava de abrigo, sei o quanto você torce por mim obrigada por tudo (minha fada madrinha). Você também Celinha seu apoio sempre foi fundamental.

Aos meus avôs pelo apoio e por demonstrarem tanto orgulho diante das minhas conquistas, que também é de vocês vô Francisco e vó Carmelita amo vocês.

A minha tia querida e também defensora, (tia Neiva) que tem lugar especial no meu coração, e que tem me colocado em suas orações sempre, obrigada tia.

A um anjo especial que não está mais entre nós, mas sei que me protege e me guia, e que está feliz com minhas conquistas. Esta é em especial pra você tio Erimilton.

Aos meus amigos que conheci na graduação dos quais se tornaram uma segunda família, em especial aos que sempre estiveram ao meu lado quando mais precisei meu muito obrigado a vocês. Andreza Ribeiro, Geilza Simplício, Gessica Galdino, Juliene Maria, Lucas Sousa, Marcela Lopes, Marconildo Soares e Wigna Begna. Por aguentarem meus momentos de angústias, por partilharem momentos alegres comigo, por todas as manhãs tardes e noites de convivência e bastidores de trabalhos. Apesar de serem meus aperreios quase sempre, jamais esquecerei vocês. Os melhores.

Aos meus professores que ajudaram e muito no meu processo formativo, levo um pouquinho de cada um deles comigo, jamais esquecerei o aprendizado que vocês me proporcionaram. Em especial a professora da disciplina de pesquisa Elzanir dos Santos, por

ter visto em mim um potencial que nem eu mesma sabia que tinha, e pelo incentivo quanto à escrita, pelo apoio de instigador de sempre.

Agradeço a meu orientador o Prof Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes, por ter aceitado de imediato fazer parte desse projeto, por ter me ajudado me encaminhado e dando respaldo quando precisei. Por ter compartilhado comigo seu conhecimento a respeito da temática abordada na investigação, auxiliando no que foi preciso. A orientação é um processo complexo, porém de uma experiência ímpar na formação de qualquer discente, e você Professor possibilitou que esse aprendizado fosse significativo para minha formação, muito obrigada.

A educação é a arma mais poderosa que você  
pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

## RESUMO

A presente pesquisa procura contribuir para o entendimento da importância em se trabalhar com as relações étnico-raciais tendo como objeto de estudo o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Visa-se analisar como tem sido implementado o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil bem como os conteúdos que poderiam ser trabalhados para a efetivação dessas relações. Para tanto a investigação respaldou-se em alguns teóricos como, por exemplo, Kabenguele Munanga (2004), Eliane Cavalleiro (2010), Clóvis Moura (1988). Dentre outros que fomentarão as discussões a respeito das relações étnico-raciais na Educação Infantil. Para delimitar a discussão sobre a análise referente à Educação para as relações étnico-raciais a pesquisa substanciou-se nos seguintes objetivos: Caracterizar as concepções dos professores da educação infantil acerca das relações étnico-raciais e suas imbricações nos processos formativos na Educação Infantil; Identificar os elementos de planejamentos e conteúdos relacionados à educação para as práticas étnico-raciais desenvolvidas na educação infantil; Verificar se há situações de preconceito e eventualmente como estão sendo trabalhadas essas questões no cotidiano da sala de aula. O foco principal da pesquisa é mostrar a concepção de diferentes professores sobre a mesma temática, para tanto foram tecidas algumas indagações a esses professores por meio de uma entrevista semi estruturada que deram base às discussões apontadas no decorrer desse trabalho como, por exemplo, a concepção deles sobre Educação Infantil, o que entendem por relação étnico-racial, como a escola tem valorizado a cultura afro-brasileira dentre outras. A forma como os alunos lidam com essas questões também foi analisada neste trabalho juntamente com o que é feito nos casos de não aceitação e ou estranhamento com o enfoque de tal temática. Por meio das análises foi possível perceber que ainda é necessário fomentar o debate sobre o ensino das relações étnico-raciais tendo em vista mostrar que a discussão a respeito das relações étnico-raciais é o ponto chave para a diminuição e até mesmo eliminação das desigualdades sejam elas sociais, raciais, culturais, ou ideológicas. A abordagem metodológica usada na pesquisa foi a qualitativa com entrevista semi-estruturada constituída por dez questões. Os entrevistados foram seis professores da Educação Infantil de uma Escola Municipal da cidade de Bom Jesus-PB

Palavras-chave: Educação Infantil. Relações Étnico-Raciais. Concepções dos Professores.

## **ABSTRACT**

This production seeks to contribute to the understanding of the importance of working with the ethnic-racial relations already in childhood, having as its object of study the teaching to the ethnic-racial relations in early childhood education and, as overall goal, analyze how it has been implemented the teaching to the ethnic-racial relations in early childhood education. Therefore, research has basis in some theorists such as KabengueleMunanga (2004), ElianeCavalleiro (2010), Clovis Moura (1988), among others who encouraged discussions about the ethnic-racial relations that were detailed to Early Childhood Education. To delimit the discussion of the analysis regarding the Education for Ethnic and Race Relations research outlined in the following specific objectives: To characterize the conceptions of early childhood education teachers about the Racial-Ethnic Relations and its overlapping in the formative processes in the childhood education, in the early years; Identify the planning elements and content related to education for Racial-Ethnic practices developed in early childhood education; Check for situations of prejudice and eventually as they are being worked on these issues everyday in the classroom. This, on the basis of the processes of human development, understood here, the Early Childhood Education. From this scope were woven proceduralizing search through a semi-structured interview, bibliographic research and qualitative approach of investigation. Respondents were six teachers of Early Childhood Education an important municipal school in the city of Bom Jesus-PB. As the main results this study came to the conclusion that it is still necessary to foster debate on the teaching of ethnic-racial relations more systematically, both in school systems and in the schools themselves, in order to show that the discussion about the relationship ethnic-racial is the key to reducing and even overcoming inequalities be they social, racial, cultural, or ideological that impede the humanization process and possible construction of a world with better foundations for social justice.

**Keywords:** Childhood Education. Ethnic-Racial Relations. Conceptions of Teachers.

## **LISTA DE SIGLAS**

CEB (Câmara de Educação Básica)

CNE (Conselho Nacional de Educação)

DCNS (Diretrizes Curriculares Nacionais)

DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil)

DCNERER (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais)

LDB (Lei de Diretrizes e Bases)

(PCN's) Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)

SEED (Secretária de Educação a Distância)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I	
1. CONCEITUANDO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
1.1A necessidade de conhecer alguns fatores relevantes no processo educativo para as relações étnico-raciais	20
1.2 Relações étnico-raciais: algumas perspectivas históricas	25
1.3Relações étnico-raciais na Educação Infantil	28
CAPÍTULO II	
2. CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
2.1 Caracterização da Escola	31
2.2Concepções dos Professores Sobre Formação	35
2.3 Relações étnico-raciais na educação infantil as possíveis possibilidades	39
2.4 A escola frente à Cultura Afro-Brasileira	45
2.5 As relações étnico-raciais no cotidiano escolar	49
2.6 O que pensam os professores a respeito das relações étnico-raciais	49
CAPÍTULO III	
3. PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	52
3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
3.2 REFERÊNCIAS	65-67
3.3 APÊNDICE	71

## INTRODUÇÃO

O ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil é o título desta investigação teve como objeto de estudo “o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil: dos desafios às ações educativas” e será delineado a partir da seguinte questão norteadora: De que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil? A inquietação acerca de como estaria sendo trabalhada a diversidade étnico-racial em sala de aula, bem como o interesse em obter maior conhecimento a respeito das relações étnico-raciais surgiu quando no quinto período do curso de Pedagogia cursei a disciplina de Educação, Cultura e Diversidade. A mesma não apenas ampliou o meu campo de conhecimento como me instigou a buscar respostas para alguns questionamentos que foram surgindo, no que concerne fundamentalmente as diversidades culturais existentes, no âmbito da educação para as relações étnico-raciais e como o professor, na condição de mediador desse conhecimento, trabalha com os saberes prévios dos alunos juntamente com as heranças culturais e religiosas que estes alunos trazem para a sala de aula, relativos às relações étnico-raciais na Educação Infantil, concomitante aos conteúdos e regras postos pelo currículo.

Partindo de uma experiência pessoal na Educação Básica, como estagiária pude presenciar alunos que por serem negros e terem uma condição financeira relativamente inferior a dos demais alunos, e por serem da zona rural eram tratados pelo corpo docente e alunos de forma hostil ou preconceituosa. E até rotulados por estes professores, como menos inteligente em relação aos alunos da cidade. Mesmo a escola sendo da rede pública cometia esse tipo de segregação. Não que as instituições privadas devam separar seus alunos pelo poder aquisitivo. Porém sendo o ensino um direito de todos e as instituições, escolares públicas responsáveis por mediar através do corpo docente e não-docente os conhecimentos necessários para a formação e desenvolvimento de seus alunos, não devia, em hipótese alguma, aceitar esse tipo de comportamento. Neste sentido, Cavalleiro (2007) vem salientar que desenvolver um pensamento menos comprometido com uma visão dicotômica de inferioridade/superioridade é condição *sine qua non* para o entendimento das relações étnicas no cotidiano da Educação Infantil.

Mediante esta constatação e tantas outras é que podemos perceber como as práticas educativas devem ser organizadas de acordo com as necessidades de seus alunos, considerando e valorizando a diversidade destes sujeitos. Sendo esses direitos resguardados

pela Lei 10.639/03 embasada nos princípios de liberdade e igualdade como um direito de todos.

A Lei nº 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; o Parecer do CNE/CP 03/2004 que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; e a Resolução CNE/CP 01/2004, que detalha os direitos e as obrigações dos entes federados ante a implementação da Lei que compõem um conjunto de dispositivos legais considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desencadeados a partir dos anos 2000. É nesse mesmo contexto que foi aprovado, em 2009, o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2009) 1.

A parte empírica deste estudo teve sua circunscrição em campo de investigação pela qual foi possível analisar, por uma abordagem qualitativa, com estudos exploratórios e entrevista semiestruturada a já referida questão de pesquisa que é: De que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil? Como *locus* da pesquisa foi selecionada uma escola da rede pública de ensino que contempla a Educação Infantil e fundamental, devido ser localizada na comunidade em que residio o que geograficamente tornou-se um ponto positivo para o deslocamento no período em que ocorreu a investigação e também pelo fato de estar pesquisando sobre a realidade de pessoas que de certa forma pertencem a um círculo de convivência do qual faço parte.

Para delimitar a discussão sobre as análises no que concerne ao ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil teve-se como objetivo analisar como tem sido implementado o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil, uma vez que o ensino a respeito das relações étnico-raciais ainda é falho, velado e até mesmo mitificado no âmbito escolar.

---

<sup>1</sup> <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-EtnicoRaciais.pdf> Link referente ao documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Quanto aos objetivos específicos que subsidiaram este estudo tinham por base, caracterizar as concepções dos professores da Educação Infantil acerca das relações étnico-raciais e suas imbricações nos processos formativos na Educação Infantil. Nesta prerrogativa intenciona-se, identificar os elementos de planejamentos e conteúdos relacionados à Educação para as práticas étnico-raciais desenvolvidas na Educação Infantil concomitantemente a verificar se há situações de preconceito e eventualmente como estão sendo trabalhadas essas questões no cotidiano da sala de aula. Neste sentido é válido elucidar que o embasamento nestes objetivos torna-se fundamental para o desdobramento da pesquisa.

O estudo em questão torna-se relevante, pois trará contribuições para o contexto educacional, e para o desenvolvimento das relações étnico-raciais no âmbito escolar, vindo reforçar e somar junto aos demais projetos anteriores a esse que discutem sobre as relações étnico-raciais na Educação Infantil, visando contribuir para a disseminação e afirmação da relevância em se trabalhar a temática nas salas de aulas desde cedo e contribuir para a formação de cidadãos que conheçam e respeitem as diferenças do nosso País, consolidando uma relação de pertencimento.

Este estudo, nessa formatação de exposição, organiza-se em 03(três) capítulos o primeiro capítulo **“Conceituando relações étnico-raciais na educação infantil”** apresenta-se uma discussão teórica com base nos conceitos e definições concernentes as relações étnico-raciais, e seu ensino na Educação Infantil embasando-se em teóricos como CAVALLEIRO (2007), que contempla discussões a respeito das relações étnico-raciais, mediante a complexidade da temática. Conceitos e definições acerca da Educação Infantil sob a óptica de PIAGET (1984) e FREIRE (2008). Orientações sobre a prática pedagógica segundo PIMENTA (1999) para as orientações de práticas pedagógicas. A formação do professor, conceitos e perspectivas sobre a mesma elucidados por MACHADO (2002). Abordando questões relativas à construção da identidade e do movimento negro com respaldo nos seguintes autores MUNANGA (2010), MOURA (1988), SODRÉ, (1988). Estes foram alguns dos teóricos que subsidiaram o aporte teórico do primeiro capítulo desta investigação.

O segundo capítulo **“Concepções dos professores sobre as relações étnico-raciais na Educação Infantil”** constitui-se de uma discussão com ênfase no *locus* da pesquisa, caracterizando o local e os sujeitos participantes, analisando e categorizando os dados, balizando as informações obtidas com os sujeitos entrevistados e relacionando suas concepções ao objeto de estudo da presente investigação que é: relações étnico-raciais na

Educação Infantil e mapeando as dificuldades desses professores em desenvolver o ensino para as relações étnico-raciais em sala de aula.

O terceiro capítulo da investigação **“proposições para o ensino das relações étnico-raciais na Educação Infantil”** traz em sua essência algumas propostas e sugestões para o desenvolvimento e implementação da Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

A Educação Infantil, por ser uma modalidade de ensino que antecede o ensino fundamental tem por objetivo a Educação e o cuidado com as crianças nesse processo de escolarização na primeira infância, apesar de já ter sido vista apenas como assistencialista, hoje é direito de toda criança estar devidamente matriculada e inserida na escola recebendo as noções básicas do ensino-aprendizagem, bem como dever é do professor propiciar meios que viabilizem o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil, temática abordada e discutida no decorrer deste estudo investigativo.

## **CAPITULO I - CONCEITUANDO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

É necessária a valorização da cultura do aluno, como um dos eixos fundantes de sua identidade, para que a partir do conhecimento eles possam valorizar seus antepassados e aceitar-se como realmente são; elevando sua auto-estima e desmistificando preconceitos ou práticas que, tanto a sociedade quanto o âmbito escolar, de forma implícita ou explícita, alimentam a cada dia.

Pensando a Educação como direito de todos é válido lembrar que quando a escola pauta seu ensino como um instrumento de respeito e cidadania ela está criando um projeto para além dos muros da instituição contribuindo para a vida desses alunos, enquanto cidadãos pertencentes à sociedade. Neste sentido, Freire (2005) afirma que a educação deve ser autêntica para permitir que o ser torne-se um ser mais completo enquanto humano, livre, autônomo no qual seu contexto social seja considerado e contextualizado, na perspectiva que o diálogo é um fator imprescindível na relação professor-aluno no sentido de viabilizar a formação desses sujeitos.

O tema das relações étnico-raciais na Educação Infantil apresenta-se como um campo bem amplo e realmente é um campo amplo e diverso. Contudo, por mais complexo que pareça ser este tema é necessário que seja trabalhado com as crianças logo cedo mostrando a ela a existências das diversidades étnico-raciais ensinando-a que toda e qualquer cultura deve ser respeitada, sem enaltecer uma em detrimento da outra. Uma vez que,

a discussão das relações étnicas em território brasileiro é uma questão antiga, complexa e, sobretudo, polêmica. Porém, trata-se de uma discussão necessária para a promoção de uma educação igualitária e compromissada com o desenvolvimento do futuro cidadão (CAVALLEIRO, 2007, p.9).

Ou seja, para que ocorra uma formação na perspectiva do desenvolvimento da cidadania, é relevante que seja trabalhado esse conceito na sala de aula. Desta forma os objetivos dessa pesquisa são pertinentes no sentido de estarem relacionados aos processos educativos, reforçando o interesse em realizar um estudo que tenha como eixo a análise e investigação acerca das relações étnico-raciais e tendo como principais sujeitos para o desenvolvimento do estudo os professores que atuam na Educação Infantil, sendo as práticas, concepções e alguns questionamentos importantes para o desenvolvimento do objeto de estudo da presente pesquisa.

É válido destacar que este estudo visa obter e evidenciar a necessidade e importância de se trabalhar as relações étnico-raciais tanto no âmbito escolar como para além dele, por meio de análises do cotidiano da sala de aula e das relações interpessoais, já que a discussão da temática étnica no campo da Educação Infantil pode evitar a formação de sujeitos despreparados e preconceituosos.

Não podemos esquecer que muitos desses pré-conceitos estão velados e escondidos no ambiente escolar onde ocorre não apenas a diversidade, mas a relação entre essas crianças o que pode ser benéfico ou não, isso dependerá da forma como o educador trabalha a questão étnica em sua sala.

Para que isso aconteça de fato é necessário ultrapassar estereótipos, e redefinir termos e conceitos para alcançar-se uma Educação no mínimo igualitária, e não meramente tolerante, instigando seus alunos a serem cidadãos participativos e democráticos capazes de combater e superar a discriminação.

É importante ressaltar a necessidade que há em se trabalhar os princípios norteadores da Educação étnico-racial, problematizando a questão, mediante as demandas da instituição escolar bem como os saberes prévios que os alunos têm a respeito da temática. É imprescindível que o docente compreenda o que é a Educação para poder mediar esse conceito com seus alunos. Pois,

educar seria estimular a estruturação de formas de ação (motora, verbal e mental) cada vez mais móveis, mais amplas e mais estáveis, com a finalidade de extensão progressiva do organismo. [...] a meta da educação é a “abertura para todos os possíveis”, isto é, a construção de um homem cujo comportamento é probabilístico (PIAGET, 1984, p.62).

Ou seja, o professor não pode apenas jogar o conteúdo como se o aluno fosse um depósito a ser preenchido. Ele tem a responsabilidade de instigar este aluno a compreender o que está sendo estudado. Neste sentido, destaca-se o que Freire (2008) aponta sobre o que seja educar:

Educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e onde a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos, é essencial à prática pedagógica proposta. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será inoperante, somente meras palavras despidas de significação real (FREIRE; 2008 s/p).

A educação amplia os horizontes desses sujeitos. Permitindo-lhes uma melhor compreensão acerca da sociedade em que está inserido, retirando-o do comodismo e da condição de oprimido na qual boa parte da população se encontra por não conhecer seus direitos e por serem inferiorizados pela classe elitista seja por fatores econômicos ou sociais.

Educação não é só ensinar, instruir, treinar, domesticar, é sobretudo formar a autonomia do sujeito histórico competente, uma vez que, o educando não é o objetivo de ensino, mas sim sujeito do processo, parceiro de trabalho, trabalho este entre individualidade e solidariedade (DEMO; 1996, p. 16).

Ensinar é um dos processos advindos da Educação, sendo que a historicidade do sujeito deve ser respeitada, compreendida e trabalhada em consonância com as práticas curriculares da instituição escolar, responsável por adequar seu corpo docente as necessidades do seu alunado, tendo em vista a diversidade e particularidades de cada um.

Em outra perspectiva a Educação é vista como um fato social, já que é desenvolvida na coletividade e não de forma individual. A formação começa a partir da socialização desses saberes. Saberes estes que podem passar de geração pra geração onde as possibilidades são criadas para a construção de conhecimentos que serão apreendidos e internalizados pelas crianças. As primeiras noções de Educação não são mediadas na instituição escolar, pois antes de adentrar nesse âmbito recebem as primeiras noções de Educação em casa com os familiares, na sociedade com sujeitos que a ela pertence, na igreja entre outros. Estão sendo preparados para a sociedade que lhes espera embasada por leis e regras que devem ser seguidas, mas que também podem ajudar a construir e reconstruir tais leis e regras.

Os saberes sobre a educação sobre a Pedagogia não geram os saberes pedagógicos. Estes só se constituem a partir da prática que os confronta e os reelabora. Mas os práticos não os geram só com o saber da prática. “As práticas pedagógicas se apresentam, nas ciências da educação como estatuto frágil [...] (PIMENTA; 1999. p. 26-27).

Essa prática deve ser constantemente avaliada e ressignificada, haja vista as necessidades dos educandos que o professor tem em sala de aula. Sua prática deve ser balizada segundo as especificidades de seus alunos, de forma competente e eficaz o professor precisa usar de seu discernimento para adequar o conteúdo a seu alunado. No caso das relações étnico-raciais e a obrigatoriedade do seu ensino, o professor precisa saber trabalhar as questões referentes à temática concomitante as experiências e culturas de seus alunos, ampliando, valorizando e instigando o conhecimento a respeito das relações étnico-raciais e o respeito a diversidade.

Os saberes pedagógicos apesar de serem confundidos facilmente com os saberes educacionais estes se diferenciam do primeiro por constituírem-se por meio da atuação do docente, da constante renovação e implementação dessa Educação que deve embasar sua prática. E está intrinsecamente ligada aos seus conhecimentos, sua competência aliada á habilidade que é concebida pelo saber. Habilidades e saberes que devem ser tidos como ferramentas para propiciar o ensino para as relações étnico-raciais em sala de aula, de modo especial na Educação Infantil que é à base do processo formativo do aluno.

Esse saber é construído por meio do conhecimento, embasado na interação homem-meio, sujeito-objeto. Ou seja, o ensino está ligado ao aprender e vice-versa não dá para dissociar. Por isso é necessário que o professor tenha noção da significância do seu papel e o desempenho com discernimento, é exigido desse sujeito (professor) atitudes refletidas, um olhar crítico e coerente no que concerne à sua atuação perante a seu público alvo que são os alunos. Mediante as questões relativas ao ensino das relações étnico-raciais que devem ser trabalhadas por este professor, intencionando sempre o aprendizado de seus educandos.

Pensando a Educação em todo o seu amplo campo de atuação é válido elucidar que esta Educação permea-se por diversos fatores, dentre os quais se podem destacar a falta de recursos financeiros, a inacessibilidade o preconceito que implicam no seu desenvolvimento. Sendo preciso abordá-los por mais que esses fatores sejam velados, ocultados pela própria instituição escolar, é preciso trabalhar essas concepções com alunos para que eles possam conhecer a diversidade, existente em nossa Educação. Para tanto o ensino das relações étnico-raciais na Educação Infantil torna-se relevante no processo formativo desses alunos.

### **1.1 A necessidade de conhecer alguns fatores relevantes no processo educativo para as relações étnico-raciais**

A necessidade e relevância das relações étnico-raciais na Educação Infantil são imprescindíveis para o desenvolvimento psíquico e interacional da criança, e cabe ao professor (juntamente com os pais e a comunidade) trabalhar a cultura Afro e instigar essa criança (aluno) a se aceitar do jeito que é, desvelando a ideia de que vivemos em país sem racismo. “[...] É difícil assumir que a cultura da sociedade brasileira é racista (...) é inculcado nas crianças em formação um distanciamento de suas raízes africanas, embora façam parte de nosso cotidiano [...]” (MUNANGA; 2010, p.04).

Dessa forma é necessário que a instituição escolar juntamente com o corpo docente que dela faz parte posicionar-se e não adotar uma postura neutra mediante a reprodução das desigualdades culturais propiciadas pela escola. Um espaço que apesar de estar para formar e educar cidadãos que construirão o futuro da sociedade, ainda está muito atrelado à condição reprodutora. Na contemporaneidade é possível ver que há uma grande necessidade de se construir escolas que se preocupem com a construção dos cidadãos que ela está formando.

Em parte de suas reflexões, Cortela (2005) vem salientar que o uso recorrente desse termo é um tanto problemático. Pois segundo o autor:

[...] Eu venho me rebelando há certo tempo contra a palavra “tolerância” [...] acho que a palavra “tolerância” produz quase um sequestro semântico, pois quando alguém a usa está querendo dizer que suporta o outro. Afinal tolerar é suportar [...]. Eu o suporte, aguento. Você não é como eu, aceito isso, mas continuo sendo eu mesmo. Não quero ter contato, só respeito a sua individualidade. Em vez de utilizar a palavra “tolerância”, tenho preferido outra: “acolhimento”. Há uma diferença entre tolerar que você não tenha as mesmas convicções que eu — sejam religiosas, políticas ou outras — e acolher suas convicções. Porque acolher significa que eu recebo na qualidade de alguém como eu. (CORTELLA; 2005, p. 28-29)

Tolerar neste contexto está para (suportar, aguentar, já que não tem outro jeito). O termo usado neste sentido mostra uma falsa noção de respeito ao outro, quando, na verdade, exclui o outro por ser diferente, não levando em consideração as particularidades de cada indivíduo. É necessário compreender a criança segundo uma perspectiva do contexto histórico em que a mesma está inserida e analisá-la à luz das dinâmicas de interações em sociedade, portanto cabe a desmistificação do termo “tolerar” e realmente respeitar as diferenças de cada indivíduo.

A consequência de atos preconceituosos na escola é a construção de um discurso social que fragiliza e fragmenta a identidade coletiva legitimando as discriminações sociais, em alguns casos o sujeito julga-se melhor que o outro e para ele o que esse outro representa não significa nada já que a sua verdade é absoluta e incontestável, não utilizam uma palavra que faz toda a diferença nas relações interpessoais que é o bom senso, ou usam de maneira indevida,

o bom senso é das coisas do mundo, a mais bem dividida, pois cada qual julga estar tão bem dotado dele, que mesmo os mais difíceis de contentar-se em outras coisas não costumam desejar tê-lo mais do que já têm (DESCARTES; 2007, p. 21).

Uma escola multicultural é uma escola rica. A função da escola não pode ficar esquecida, pois a mesma funciona como um local de obtenção de conhecimento, onde a criança aprende a respeitar o outro independente das diferenças que possam existir, seja sua crença, cultura, ou posição social. Ela tem que aprender a reconhecer e valorizar a diversidade étnico-racial existente no ambiente escolar. Haja vista que,

fala-se da educação para os valores, para os direitos humanos e igualdade de oportunidades, tolerância e convivência, para a paz, educação inter/multicultural, educação ambiental, educação antirracista... Porém, o nosso dia-a-dia está confrontado com manifestações de intolerância, marginalização, estereótipos, preconceitos, racismo, xenofobia na escola e na sociedade. (PERES; 2000, p. 28)

Não basta ficar apenas na falácia, no discurso é preciso colocar em prática, otimizando os recursos da escola na comunicação de ideias, repensando suas estratégias para que possam acolher todo o seu alunado. Espera-se dos professores ou futuros professores ações que possam modificar a maneira de pensar sobre a realidade diversificada das crianças que encontram-se nas salas de aula. E que a escola como instituição oportunizadora ofereça recursos necessários para atender a demanda e as especificidades destes alunos. Para tanto Libâneo (2005) vem salientar como a organização está ligada a qualidade do ensino, “As escolas precisam ser mais bem organizadas e administradas para melhorar a qualidade do ensino, levando os alunos a se sentirem envolvidos nas aulas e nas atividades escolares.” (LIBÂNEO; 2005, p. 301).

Nessa perspectiva haveria uma escola para todos. Sem priorizar um ou menosprezar outro. Mesmo com a obrigatoriedade do ensino previsto na Lei Federal nº 10.639/03 no ano de 2003 determinando que, o ensino da história e cultura Afro-Brasileira e africana na Educação básica, redes públicas e particulares seria obrigatório. Percebe-se que tanto a LDB, 1996 (Lei de Diretrizes e Bases) quanto as DCNS, 2013 (Diretrizes Curriculares Nacionais) vêm dar respaldo ao ensino, no entanto a realidade apresenta uma forte demanda no que diz respeito ao trabalho e efetivação do que está previsto na Lei. Nem sempre o que está previsto no currículo é desenvolvido da maneira que deveria ser o que pode acarretar um *déficit* na aprendizagem dessas crianças. Neste caso além de estar sendo descumprida uma Lei, o profissional educador pode estar não dando o valor e atenção necessária para algo tão importante que está para além dos conteúdos pertencentes ao quadro curricular da instituição escolar, que é a história de vida de cada um deles e de seus antepassados. História essa que

estará para sempre com eles, registrado e marcado na forma de ser de cada um. Para Sodré (1988), “São marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios.” (SODRÉ, 1988, p. 22).

São esses saberes que darão significados às suas histórias de vida e os diferenciarão dos demais. Na perspectiva de que um não deve se sobrepor ao outro, entendendo que o outro é uma extensão do seu próprio ser, logo não devem inferiorizá-lo por ser diferente. O ser humano se distingue dos outros animais na medida em que é criador de cultura. A cultura é o mundo transformado pelo homem, por meio do trabalho, da ação consciente e intencional. Transformação essa que acontece por meio dos profissionais da Educação mediante a sua formação. Neste sentido,

a formação de profissionais da educação infantil precisa ressaltar a dimensão cultural da vida das crianças e dos adultos com os quais convivem, apontando para a possibilidade de as crianças aprenderem com a história vivida e narrada pelos mais velhos, do mesmo modo a que os adultos concebem a criança a criança como capacidade de criação e imaginação [...] (MACHADO, 2002 p.129).

É preciso que o professor da Educação Infantil saiba que está lidando com crianças e que estas crianças não são nem devem ser consideradas como um livro em branco no qual se inicia uma história. A valorização da cultura torna-se relevante na mediação do conhecimento e do ensino. Hoje é imprescindível para a atuação docente que ele domine os saberes pedagógicos e tenha plena consciência de que deve estar sempre em um constante processo formativo e o mesmo não pode nem deve estagnar-se. É preciso adquirir novos conhecimentos e pesquisar a realidade educacional das escolas neste sentido,

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro, enquanto ensino contínuo buscando, reprovando conhecimentos. Ensino porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

O professor em sua função de assimilador do conhecimento deve aliar seu embasamento teórico, com a sua prática. Quanto a isso Gheddin(1999 *apud* PIMENTA *et al*, 2006) salienta que não dá para dissociar a teoria da prática, a separação destas constitui-se na negação da identidade humana. Dicotomizar teoria da prática é o mesmo que separar a reflexão da ação, ou seja, o professor não teria como sistematizar seu conhecimento, estaria ensinando só por ensinar sem refletir sua ação seria uma prática meramente racional e técnica, apesar de que talvez seja inviável a não reflexão da prática ainda que esta prática esteja sendo

posta incipientemente não deixa de ter seu caráter racional o que implica no raciocínio. Nesse contexto o docente torna-se um mero transmissor mecanizando sua prática educativa. Nessa prática também está presente os fatores políticos, algo que assim como a teoria e a prática estão intimamente ligados ao ato pedagógico. E é associado ao fato do poder unido com o fazer que abranja a dinamicidade de seu público apropriando-se de uma abordagem conhecida e utilizada pelo professor, o diálogo usado como forma de persuadir. Da mesma maneira que a instituição escolar tem por função, ensinar, conhecer, e influenciar o sujeito (aluno) na medida em que lhes permite apenas o saber necessário para sua inserção na sociedade por prepará-los para o mercado de trabalho e também para a vida.

A política também tem essa função social e o que aproxima ainda mais essas práticas é o fato de tanto uma como a outra ser usada para instigar o sujeito a ampliar sua visão como para podar seu conhecimento. Nesse caso a intencionalidade presente em ambas é a condição necessária para que esse processo aconteça. A formação do educador implica uma postura ética como princípio basilar do seu ofício, o que auxiliará numa compreensão, organização e adequação do seu campo educacional. Já que o professor em sua função formativa do ensino e aprendizagem é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista e é nessa discrepância de óptica que o conhecimento deve ser assimilado e refletido. Nesse caso a problematização desses pontos de vista devem ser representados de maneira que eles possam empregar significação ao conteúdo que lhes é apresentado.

A experiência escolar além de ampliar a socialização das crianças por meio do contato com outras crianças da mesma idade, bem como com adultos que não pertencem a seu grupo familiar, ajudará elas a compreenderem e respeitarem as diferentes culturas, concebendo uma ideia de construção da identidade de maneira gradativa, ou seja, criança vai se integrando e percebendo o contexto do âmbito escolar como seu, eles irão interagir melhor contribuindo assim em diversos fatores, tanto nos relativos à sua aprendizagem como também os relacionados aos saberes docentes, suas práticas refletidas, sua formação e experiência adquirida por meio da sua atuação e interação com esses alunos em função do aprimoramento/desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Uma tarefa complexa, ampla e até tida como difícil por parte dos docentes, mas é fato que vivemos permeados por uma diversidade social, racial e cultural. Portanto não dá pra fingir a não existência como se o problema fosse desaparecer pelo simples fato de que está sendo ignorado. É notório que a escola até pode ser e é um local de profundas desigualdades

que lá se eclodem. Por ser oriundos de uma formação que atribui aos brancos à cultura, inferiorizando os conhecimentos e práticas dos demais povos.

A instituição escolar deve propiciar a comunicação, a troca de experiências e de conhecimentos. Assim a oralidade tão utilizada pelo professor é importante tanto quanto a escrita, pois por meio dessas palavras ocorre à troca, a comunicação entre os diferentes povos.

[...] A oralidade é um instrumento a serviço da estrutura dinâmica Nagô. A dinâmica do sistema recorre a um meio de comunicação que se deve realizar constantemente. Cada palavra proferida é única. (...) Ela emana de uma pessoa para atingir uma ou muitas outras; comunica de boca a orelha a experiência de uma geração à outra, transmite o àse concentrado dos antepassados às gerações do presente (SANTOS, 1988, p.47).

A competência comunicativa a nível oral torna-se imprescindível no percurso de qualquer aluno, sabe-se que esta tarefa deve começar muito cedo na sala de aula, e deve continuar nos níveis seguintes. Tem de ser um trabalho de colaboração entre professores, alunos e escolas, sendo a sala de aula um espaço privilegiado para o desenvolvimento da competência comunicativa, através de interação, diálogo, argumentações e outras atividades que dinamizam o ensino e aprendizagem da oralidade mediando esse trabalho concomitante ao ensino para as relações étnico-raciais.

## **1.2 Relações Étnico-Raciais: algumas perspectivas históricas**

A história registra as transformações por que passam o ensino e as relações étnico-raciais em toda a sua multiplicidade relacionando, diferentes culturas e desconstruindo ao longo dos tempos as formas de hierarquização, contribuindo para amenizar os preconceitos e perseguições das quais alguns grupos eram vítimas. E esses preconceitos se manifestam quando a comunidade escolar, o currículo e até mesmo os educadores desconhecem questões de ordem racial ou ridicularizam identidades e estéticas diferentes das tidas como ideais. De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga (1994),

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc., (MUNANGA, 1994, p.177-178).

A identidade é um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Ela mostra o modo de ser do sujeito no mundo e também com os outros indivíduos que dele faz parte. Sendo assim a identidade não é algo inato, são marcas que indicam as referências das tradições culturais de um determinado povo envolvendo os níveis sócio-político e histórico de cada sociedade. É preciso considerar a identidade negra e sua condição não apenas subjetiva e simbólica, mas também no sentido político que a mesma tem. Nesta perspectiva Munanga (1994) nos leva a pensar essa discussão como uma,

tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil (MUNANGA,1994,p.187).

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). E essa questão deve ser trabalhada de maneira séria e responsável pelo professor, que deve mostrar o valor da identidade negra e instigar os alunos a buscarem mais sobre a sua cultura para que assim possam se conhecer e aceitar-se como são desmistificando essa visão preconceituosa, que vem se perpetuando ao longo da história. Tanto pelos próprios negros quanto pelos brancos que pensam ser melhores por sua cor e as representações que esta têm. No que desrespeito a essa desmistificação racial,

o movimento negro tem sido um importante ator social na desmistificação do mito da democracia racial no Brasil, juntamente com pesquisadores(as) negros(as) e brancos(as) que se posicionam contra o racismo. As pesquisas, as estatísticas oficiais, as denúncias e reivindicações do Movimento Negro têm revelado que assim como a nossa sociedade ainda “não se democratizou nas suas relações sociais fundamentais, também não se democratizou nas suas relações raciais” (MOURA, 1988, p.72).

Esse movimento tem a intenção de pelo menos diminuir a discriminação, e lutar pela construção de um país que apresente condições dignas e oportunidades iguais para todos. O mito da democracia racial deve ser compreendido, na perspectiva de uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos étnicos uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Desse modo,

escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história e transformá-la em 'natureza'. Instrumento formal da ideologia um mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas. Enquanto produto econômico-político-ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação (SOUZA, 1983 p. 25).

Dessa forma, o mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais. Assim em alguns casos ainda focam na ascensão social de alguns negros que são bem sucedidos economicamente, que mesmo diante das barreiras conseguiram superá-las e ocupam posição importante em cargo ou até mesmo são donos de empresas, utilizando essa lógica para justificar seus discursos, que são repletos de pré-conceitos e desigualdade racial. Reproduzido principalmente pela elite, que na fase em que o país passou pelo regime ditatorial (lembrando que não apenas nessa fase) as classes discrepantes das tidas como modelos ideais eram inferiorizadas.

Na perspectiva das relações étnico-raciais é válido elucidar e esclarecer conceitos ainda pouco entendidos e ainda confundidos, que são os conceitos de: raça e etnia. Para tanto faz-se necessário começar por fundamentar o que ambos significam, na ótica de dois autores. O termo raça vem do latim *ratio*, termo usado para categoria, espécie ou descendência (SCHNEIDER, 2006, p.78). Quanto ao termo etnia é apontado como definição para étnico: “conceito que engloba as ideias de nação, povo e raça; diz respeito a um grupo com traços físicos e culturais, cujos membros se identificam com grupo, ou seja, sentem que pertencem ao grupo” (CARNEIRO, 2003, p.78).

Esses termos não raro são utilizados de forma errada pela sociedade, são termos que comumente apresentam variáveis, pensa-se que talvez isso ocorra pela visão equivocada que vez por outra se faz. Ou até mesmo por ter se tornado algo cultural, o uso de eufemismo a referir-se, por exemplo, a um sujeito negro chamando-o de moreno/moreninho ao invés de identificar a real cor dele que é negro, são questões ideológicas que nos obrigam a um determinado tipo de posicionamento, com relação à identidade e, neste caso específico, algumas associações históricas feitas ao povo negro não os valorizam. Ou minimamente, os respeitam em suas relações e sentidos étnicos enquanto diferentes. E assim como a cor o termo raça também sinônimo de depreciação e isso é prejudicial no que concerne a aceitação da própria identidade desse indivíduo.

Quanto ao termo etnia a “aceitação” é melhor, talvez por estar relacionado à cultura e não necessariamente apenas aos aspectos físicos como no primeiro caso. Porém é necessário deixar de lado os equívocos ideológicos e linguísticos e trabalharmos numa perspectiva de igualdade e respeito. Afinal a sociedade a que pertencemos é heterogênea, somos seres únicos cada qual com sua cor, raça, credo e particularidades, mas com algo em comum, somos todos seres humanos dignos e merecedores de respeito e não é a raça ou etnia desses seres que os transformarão em piores ou melhores.

### **1.3 Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil**

Com um ensino crítico pode-se construir subsídios necessários para a desconstrução dos estereótipos atribuídos aos negros, o que significa um grande avanço mediante as relações étnico-raciais na Educação brasileira. O professor tem uma função importante nesse processo de mediação pelo qual ajudará o aluno a compreender e posicionar-se diante dos desafios que surgirão ao longo do seu percurso, enquanto aluno e sujeito atuante na sociedade.

A escola deve configurar-se como um ambiente de superação das desigualdades. E para tanto é preciso que o profissional docente mude sua postura e adeque o material didático que em alguns casos está mais para reforçar os preconceitos como, por exemplo, quando colocam a figura do negro de forma inferiorizada. É válido ressaltar que a criança é um sujeito histórico e de direitos que brinca, aprende fantasia, constrói e questiona. E é imprescindível assegurar que estas crianças possam usufruir de seus direitos, que possam aprender sobre sua cultura e antepassados. Que seus direitos enquanto cidadãos livres e autônomos sejam garantidos. Como estabelece o artigo a seguir retirado das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

O (Art.3º das DCNEI) traz que o currículo da Educação Infantil deve acontecer na articulação dos saberes e da experiência com o conjunto de conhecimentos já sistematizados pela humanidade, ou seja, os patrimônios culturais, artísticos, ambientais, científicos e tecnológicos, fundamentando três princípios que devem guiar o projeto pedagógico da unidade de Educação Infantil propostos nas DCNEI (Resolução CNE/CEB 05/09, Art 6º)

**Éticos** (autonomia, responsabilidade, solidariedade, respeito ao bem comum, ao meio ambiente e as diferentes culturas, identidades e singularidades)

**Políticos** (direitos de cidadania, exercício da criticidade, respeito à ordem democrática)

**Estéticos** (sensibilidade, criatividade, ludicidade, liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais).

Esses princípios servirão de embasamento para os temas as metodologias e as relações que constituem o modo de gerir as turmas (salas de aula) e o dia a dia das unidades da Educação Infantil. Desta forma visam garantir uma formação embasada nos princípios que contribuem para a formação de sujeitos aptos a ao convívio com as diferentes culturas existentes na sociedade.

A relevância em abrir tal discussão acontece por tratar-se de princípios que são imprescindíveis para o desenvolvimento e atuação do professor, mediante ao foco central desta pesquisa que é analisar de que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. A partir deste embasamento no qual espera-se que esteja pautado o projeto pedagógico da unidade de Educação Infantil, procurou-se caracterizar as concepções dos professores da Educação Infantil acerca das relações étnico-raciais e suas imbricações nos processos formativos na Educação Infantil respaldando-se nesse objetivo buscou-se saber o que os professores entendem por relações étnico-raciais e como estavam trabalhando essa temática em seu cotidiano de sala de aula.

Desta forma foi possível analisar as concepções dos professores acerca da temática, o segundo capítulo desta investigação traz a análises das falas dos sujeitos entrevistados, balizando suas concepções mediante as questões elencadas no decorrer da entrevista. Esta análise será feita no intuito de que compreendam como foi norteadada a parte empírica do estudo.

## **CAPÍTULO II-CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O primeiro capítulo desta pesquisa estruturou-se a partir dos conceitos e referências relativas às principais categorias deste estudo que são: Educação para as Relações Étnico-Raciais, Relações Étnico-Raciais, Prática Educativa e Educação Infantil. Isto em função de responder a questão desta investigação que conforme mencionado no primeiro capítulo é: De que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil? Esta questão de pesquisa norteou a produção empírica deste estudo por intermédio de uma abordagem qualitativa, com estudos bibliográficos, pesquisa exploratória e entrevista semiestruturadas.

Foi escolhida a abordagem qualitativa, pois a mesma tem como princípio analisar os fatos e acontecimentos levando em consideração o sujeito e o local que esse sujeito pertence, não priorizando preponderantemente a quantificação dos fenômenos e para a Educação este tipo de pesquisa é bem relevante. Proporciona ao pesquisador um maior conhecimento acerca do tema pesquisado. Pois,

a pesquisa qualitativa tem como característica, considerar o ambiente como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou produto; a análise dos dados é realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador, não requerendo o uso de técnicas e métodos estatísticos; e por fim tendo como preocupação maior a interpretação de fenômeno e a atribuição de resultado. Bogdan e Biken (1982 apud LUDKE 1986, p.11-12).

A pesquisa exploratória tem em vista uma aproximação maior do pesquisador com o objeto pesquisado. O que dará um maior respaldo na investigação, através do meio em que o sujeito está inserido é possível descobrir muito a seu respeito, considerando que este meio permeia-se pelo desenvolvimento de sujeitos, concomitante as suas relações, e são essas relações étnico-raciais que interessam nessa investigação.

A entrevista semiestruturada possibilitada ajustes, e certa base de apoio para o pesquisador. As perguntas são elaboradas anteriormente a sua ida ao *locus*, porém com uma abertura que permite a inserção de novos questionamentos no decorrer da entrevista e mediante a fala dos entrevistados, e por se tratar de uma temática abrangente como é o caso das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

A investigação delineou-se a partir de uma coleta de dados feita com 06(seis) professoras (os nomes que apareceram no decorrer da pesquisa trata-se de pseudônimos escolhidos pelas próprias professoras entrevistadas) da Educação Infantil em uma escola municipal da cidade de Bom Jesus no mês de Julho de Dois Mil Dezesesseis. A escolha das professoras ocorreu por meio de uma variável pré- determinada que seria entrevistar os professores ativos na instituição no respectivo momento em que estaria sendo coletado os dados para a investigação, e como o objeto de estudo desta investigação tem como foco primordial a Educação Infantil, os entrevistados teriam que ser professores da Educação Infantil.

Como já foi mencionada a entrevista semiestruturada foi à principal ferramenta para a obtenção dos dados, por meio de 10(dez) questões alinhadas a partir do objetivo geral e dos específicos da investigação contemplado também a questão de pesquisa e o objeto de estudo da pesquisa.

Quanto aos objetivos para o delineamento dessa produção foram estruturados por um referencial geral. Analisar como tem sido implementado o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil mediante as concepções dos professores acerca da temática étnico-racial. E os específicos; Caracterizar as concepções dos professores da Educação Infantil acerca das relações étnico-raciais e suas imbricações nos processos formativos na Educação Infantil; Identificar os elementos de planejamentos e conteúdos relacionados à educação para as práticas Étnico-Raciais desenvolvidas na Educação Infantil; Verificar se há situações de preconceito e eventualmente como estão sendo trabalhadas essas questões no cotidiano da sala de aula. Tais objetivos deram respaldo para o desenvolvimento da investigação numa vertente voltada para o ensino das relações étnico-raciais na Educação Infantil, auxiliando no andamento da investigação e suprimindo os anseios concernentes as indagações a respeito. De que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil? Questão norteadora do estudo que possibilitou os achados e análises da investigação.

## **2.1 Caracterização da Escola**

Essa caracterização torna-se importante por tratar-se de uma escola de porte médio tendo em vista o contexto do município em que a mesma está localizada. Tornou-se uma

escola de referência, atendendo praticamente quase todo o público alvo (alunos) que residem na comunidade.

A referida escola ao longo dos anos passou por modificações e adequações principalmente no que diz respeito à estrutura física da escola, sabendo de seu contexto histórico e situacional, por ser uma instituição de renome e tradição, pela qual várias gerações já passaram tornando-se uma etapa crucial na formação desses sujeitos, viu-se a oportunidade de investigar como a instituição juntamente com seu corpo docente e não-docente estava trabalhando o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Bom Jesus é um município brasileiro do Estado da Paraíba localizado na região metropolitana de Cajazeiras. Possui área de 47 km<sup>2</sup>. Com população estimada em 2.400 habitantes localizado próximo a BR 230 situa-se a escola pesquisada, na zona rural da vila São José, oferecendo as seguintes modalidades de ensino: Educação Básica, Regular e Fundamental. Apesar de não ser uma instituição de periferia ainda deixa a desejar quanto aos materiais didático pedagógico, mesmo tendo tido um grande avanço quanto à estrutura física do ambiente que passou por uma recente reforma.

Quanto ao espaço da área interna da escola, a mesma conta com 06 salas de aula amplas e com iluminação e ventilação. 01 diretoria 01 secretaria 01 cozinha e um espaço considerado a “quadra” local em que os alunos ficam no intervalo. Além dos professores num total de 08(oito) o corpo não docente da instituição conta com a ajuda de 02 guardas 02 merendeiras pelo período matutino e 01 diretora. Quanto à formação dos professores todos os sujeitos entrevistados têm graduação em pedagogia. O que do ponto de vista educacional é algo bom já que precisamos de profissionais capacitados para a formação da base de aprendizagem desses alunos.

Devido a sua referência no município, a qualidade dos serviços prestados para com o desenvolvimento e formação dos alunos na comunidade, a referida escola tornou-se um cenário ideal para o desenvolvimento da pesquisa, por atender uma demanda significativa da população e por ser uma instituição conhecida e conceituada, tendo em seu corpo docente profissionais capacitados, e com considerável tempo de docência, esses foram alguns dos motivos que consolidaram a escolha do *locus* da investigação.

O gráfico a seguir traz informações a respeito do tempo que as docentes entrevistadas atuam na escola.

Gráfico 1: TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA, NA ESCOLA-EM ANOS.



Fonte: Material de pesquisa elaborado pela autora-2016

Com base no gráfico percebe-se que as docentes possuem uma trajetória considerável de anos atuando na Educação com exceção de uma docente Maria (pseudônimo) que tem apenas 04 anos de atuação. Segundo HUBERMAN (1989) o ciclo de vida profissional de um professor na perspectiva da carreira está dividido em algumas etapas/fases. Uma sucinta síntese sobre esses ciclos: segundo o autor considera-se que um professor que tem de 01 a 03 anos de formação está na fase de entrada na carreira, caracterizado como um estado de descoberta e sobrevivência traduz-se em um paradoxo à medida que estão conhecendo um novo mundo tem que sobreviver ao que já existe nesse mundo as dificuldades e responsabilidades do cotidiano de uma sala de aula. As relações pedagógicas e a complexidade em mediá-las juntamente com o choque da realidade desse cotidiano da falta de interesse de alguns alunos, de sua rebeldia tudo isso misturado a inexperiência e entusiasmo de quem está começando.

Ainda segundo o autor de 04 a 06 anos é a fase de estabilização na ação docente, consolida-se no período de transição em que estes sujeitos “passam a ser” professores. É um período de afirmação da própria identidade perante a sociedade e seus colegas professores, momento de libertação no qual eles competentes, sentem-se mais a vontade e aptos a lidar com situações complexas ou inesperadas que venham a surgir. Estão mais seguros e confiantes preocupam-se menos consigo e focam nos objetivos didáticos.

Nesse mesmo estudo, Huberman (1989) defende que também há a fase da diversificação que compreende ao estágio de 07 a 25 anos e corresponde a um estado em que estes docentes possuem uma trajetória de experiências tanto de vida como educacional. Essa experiência pessoal faz com eles diversifiquem o material didático e adéque suas metodologias, pois agora não são mais acometidos por aquela insegurança, abrindo mão da

rigidez que outrora servia de apoio para seu trabalho. Nesta fase eles seriam os mais motivados e estariam sempre procurando meios para inovar e aprimorar suas práticas.

A etapa de 25 a 35 anos trata-se de uma fase de serenidade e distanciamento afetivo da carreira docente. Onde se apresentam mais serenos e donos de si mesmo, não possuem medo de falar o que realmente pensam, mesmo diante dos diretores que ainda representam uma figura de superioridade, são capazes de prever certos acontecimentos em sala de aula por serem experientes e conhecerem bem o perfil dos alunos. Não tendo mais problemas que antes dificultavam a mediação de suas aulas, já não precisam provar ou se afirmar perante ninguém.

Caracteriza ainda o estágio de 35 a 40 anos como um perfil de desinvestimento é o momento em que os docentes passam a canalizar suas forças para outras coisas distintas da escola, não vivem mais única e exclusivamente para a instituição, não é que nessa fase eles larguem mão da profissão só não tem mais o mesmo vigor pra lutar reivindicar seus posicionamentos, acabam por querer passar a bola para os jovens. Vislumbram apenas concluir sua carreira calmamente.

Ao analisar esse ciclo nota-se que a maior parte das discentes entrevistadas se encaixam numa faixa do recorte temporal como experientes, não são professores iniciantes, segundo o estudo do Huberman caracterizam-se como professores experientes. Neste caso possuem uma determinada expertise, o que se subtende não que elas sejam obrigadas a saber mais, porém sendo experientes a responsabilidade o compromisso delas dobram para com a pesquisa, da contemplação dos dispositivos legais das leis. E no que diz respeito às leis uma que deve ser conhecida por estes é a 10.639/03 que traz a necessidade de trabalho no processo de escolarização da educação básica no todo para as relações Étnico-Raciais.

Neste sentido não se pode dizer que desconhecem a temática, pois se trata de professores experientes que não podem ficar apenas aguardando programas de formação continuada, não são mais iniciantes, sendo 90% das entrevistadas experientes não é lógico esperarem por comandos exteriores, já que possuem capacidade suficiente e discernimento para trabalhar determinado assunto sem ser obrigado que venha algum programa que trate especificamente da temática, no caso em questão as relações étnico-raciais.

Apenas uma das docentes entrevistadas encaixa-se na categoria de iniciante, recorte temporal em que o docente ainda não possui (ou não está apto) subsídios necessários para ter determinado posicionamento e ou conhecimento para tomar a iniciativa sem ser preciso uma formação mais aprofundada a respeito de algumas temáticas que devem ser tratadas com toda

a importância que estas requerem do profissional, e que são essenciais no processo formativo do seu alunado.

## 2.2 Concepções dos Professores Sobre Formação

Tendo em vista o ciclo de vida profissional dos professores, discorre-se um pouco mais a respeito da concepção de formação que os professores da escola pesquisada possuem, considerando as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

*A formação do educador é de fundamental importância, pois o mesmo deve saber construir com os alunos... O educador deve ser formado em uma determinada área e atuar na mesma... (Professora Ana- entrevista concedida em 09 de julho de 2016 no interior da escola)*

*Uma vez que o professor tem uma boa fundamentação teórica ele pode ampliar os horizontes de aprendizagem de seu alunado. (Professora Carla- entrevista cedida em 08 de julho de 2016, no interior da escola)*

*(...) A formação do professor é essencial para o desenvolvimento desse trabalho. (Professora Rosana- entrevista concedida em 07 de julho de 2016, no interior da escola)*

Percebe-se na fala das entrevistadas a visão que elas têm sobre a educação e o seu desenvolvimento, tendo em vista a necessidade de um arcabouço teórico para alicerçar suas práticas pedagógicas, mediante as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Para tanto, vêem a formação como meio viabilizador do ensino. Profissionais capacitados conseguiriam atingir um nível de rendimento e também de ensino melhor para seu alunado, o que não deixa de ser um fato verídico, já que a formação desse profissional influencia na sua prática. Para ensinar é necessário antes aprender, não se pode mediar um conhecimento que não se tem, sendo assim a formação do docente torna-se essencial para o desenvolvimento de sua prática enquanto educador.

Essa mesma formação tem papel imprescindível no que concerne ao ensino para as relações étnico-raciais (objeto de estudo da investigação) na concepção das educadoras a formação é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, sendo estas professoras responsáveis por trazer a temática para sala de aula e apresentá-las por meio de

discussões ou da metodologia que melhor se adéque a seus alunos. Nesta prerrogativa Pimenta (1996) salienta que,

os saberes pedagógicos podem colaborar com a prática. Sobretudo se forem mobilizados a partir dos problemas que a prática coloca, entendendo, pois, a diferença da teoria em relação a prática, pois esta lhe é anterior. Essa anterioridade, longe, de implicar uma contraposição absoluta em relação à teoria, pressupõe uma íntima vinculação com ela (PIMENTA 1996, p. 83).

Partindo de uma abordagem histórica em que a profissão docente estava ligada a questão do “dom”, ensinar era tido como algo divino que você já nascia com aquela missão, ignorando o caráter profissional do educador. Com o passar dos anos essa concepção de dom foi sendo deixada de lado, contudo a capacitação desses profissionais por mais que tenham melhorado devido incentivos governamentais e também com o processo de globalização ainda é falha, principalmente em cidades pequenas como é o caso da que foi realizada esta pesquisa, neste caso o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil torna-se ainda mais complexa e as vezes ignorada pelo próprio currículo da instituição.

Não é raro acontecer de colocarem pessoas sem a capacitação necessária para ensinar, fato que ocorre frequentemente na Educação Infantil, por erroneamente acharem ser um local aonde “a criança vai só pra brincar” desconsiderando o valor das primeiras noções de ensino aprendizagem, que são imprescindíveis para o desenvolvimento desses sujeitos. Essa não capacitação acarreta em um ensino fragilizado, pois se estes profissionais por não serem capacitados não saberão adequar sua prática de acordo com as demandas do ensino principalmente no que concerne ao ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Como ressalta a Prof.<sup>a</sup> Maria,

*[...] A formação influencia muito em sua prática na sala de aula... A minha prática tem ajudado muito na questão do ensino do desenvolvimento das metodologias. (Professora Maria-entrevista cedida em 06 de julho de 2016, no interior da escola)*

A formação profissional está ligada a identidade deste sujeito historicamente situado, identidade esta que segundo Pimenta (1999) “a identidade se constrói a partir da significação social da profissão” (PIMENTA 1999, p.19). Trata-se de um processo que ocorre diariamente e que deve se adequar as demandas da sociedade, porém sem perder sua essência, muito menos se deixando levar por visões simplistas que acabam por desconsiderar o valor

científico desse profissional. O que pode incentivar esse profissional a desconsiderar outras culturas, por não ser valorizado como deveriam ser não consegue se auto-afirmarem, construir sua própria identidade. É preciso capacitar-se para que possam trabalhar e instigar seus alunos principalmente no que diz respeito às relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Os professores compreendem que a formação do educador é fundamental, que a fundamentação teórica dos educadores é uma referência para a ampliação dos seus horizontes, eles também vêem que o desenvolvimento do professor essencialmente vem por essa formação, sabendo que os professores consensualizam que a formação é fundamental a escola precisa disponibilizar mais ferramentas e oportunidades de formação em relação à Lei 10.639/03, em relação à Educação para as relações étnico-raciais, pois ela já conta com a ansiedade pela formação que os professores possuem. A parte empírica do estudo mostra que os professores apresentam um consenso estabelecido da importância da formação, da capacitação profissional do educador.

A experiência das educadoras, ao tratar do ensino das relações étnico-raciais, demonstra em seu valor científico, ou pelo menos no que consideram ser o ensino sob essa prerrogativa, possíveis impasses que impedem a realização de sua função enquanto mediadoras do conhecimento. Ao percorrer da entrevista percebe-se que o ensino das relações étnico-raciais na Educação Infantil na escola pesquisada, evidencia-se sob o ponto de vista empírico a partir de duas concepções: sendo a primeira ligada à família e a segunda a falta de recursos material e humano. Como pode ser visto em um trecho da entrevista no que concerne à questão:

*[...] Projetos dos quais a escola e o seu corpo docente se mobilizam em prol da temática... E que a família faça sua parte... Que eles nos ajudem também (Professora Rosana-entrevista concedida em 07 de julho de 2016, no interior da escola)*

*Assim a informação que nós recebemos da Secretaria de Educação é que tem essa lei que é obrigatório incluirmos a figura do negro na escola... Só que aqui não tem... Acho esse assunto pouco divulgado e pouco trabalhado também... Nos planejamentos é bastante enfatizado esse ponto... Porém se o professor não tiver a iniciativa de criar projetos e trabalhar a temática em sala de aula... Somos carentes de um coordenador que mobilize toda a escola... É algo isolado não é tão amplo não é divulgado. (Professora Maria-entrevista cedida em 06 de julho de 2016, no interior da escola)*

Nos relatos das professoras identifica-se a questão de que há uma necessidade da participação familiar para melhor desenvolverem seu trabalho docente, outro dado relevante é a falta de um profissional eficiente que busque trabalhar com o corpo docente da instituição trazendo as devidas referências a respeito das relações étnico-raciais na Educação Infantil, como relata a Prof.<sup>a</sup> Maria sobre a carência de um coordenador. Uma escola não é feita apenas pelo seu corpo docente e não docente ela precisa do apoio dos familiares de seu alunado, da comunidade a que pertence. A instituição precisa aprimorar e proporcionar meios para a participação família, já que a mesma mostra um *déficit* no que diz respeito aos recursos humanos, principalmente a falta de profissionais além dos professores que sejam capacitados e que saibam gerir de forma harmônica e democrática a instituição escolar, respeitando e trabalhando de forma significativa para uma maior efetivação das relações étnico-raciais no âmbito escolar.

Desse modo faz-se necessário compreender que a família é sim uma instância educadora, contudo não se pode nem deve colocar toda a responsabilidade de aprendizagem desses alunos em seus familiares, seria esta uma forma de justificar um ensino segregador no sentido de valorizar uma cultura em detrimento da outra no qual as escolas historicamente tem se pautado, segundo Mello (2016) este tipo de ensino visa o reducionismo da participação familiar e desinteresse destes em relação ao processo formativo de seus filhos, culpando quem na verdade pode estar sendo apenas mais uma vítima do sistema político, social, econômico e cultural e que em alguns casos desconhecem até mesmo a luta e a relevância em se trabalhar a temática do ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

É claramente visível à carência de recursos que a instituição tem no que concerne ao desenvolvimento da temática, as próprias docentes relatam que sabem que deve ser trabalhado, mas não tem estímulos matérias e teóricos para desenvolverem projetos que vislumbrem o aprimoramento das discussões sobre as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Neste sentido pode-se destacar também a questão de que dos 200 dias letivos apenas dois são retirados para se trabalhar a temática, o dia do índio (apesar de não estar diretamente ligado ao objeto de estudo desta pesquisa é válido ressaltar) e o dia da consciência negra, sendo de forma superficial não dando o verdadeiro valor. Ou seja, no dia do índio são feitos recortes e colagens com a figura representativa deste, não há um conhecimento aprofundado sobre sua cultura e contribuição para o País. E, no dia da consciência negra, fazem uma aula expositiva para propagar que a inclusão, o respeito às diferenças de raças, entre outras. Apesar do foco central de discussão dessa investigação não ser necessariamente este, é importante

ressaltar que mesmo tendo conhecimento sobre a relevância de se trabalhar as questões concernentes às relações étnico-raciais em sala de aula os professores ainda apresentam certa dificuldade, restringindo a temática apenas á datas comemorativas.

A escola ainda perpetua práticas de um ensino segregador, promovendo uma organização pautada em um regime discriminatório e não em uma democracia que é como deve ser a organização do trabalho pedagógico na escola. A comunidade a família e o corpo docente devem agir democraticamente para desenvolver um ensino de qualidade, compreendendo que não é dever do Estado, mas sim dos que compõem o corpo docente e não docente e a comunidade agir dessa forma, intencionando o desenvolvimento do ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Os professores devem ter a plena convicção de que, mesmo sem ter tantos recursos disponíveis ou incentivos, eles precisam se adequar ao meio em que estão inserido, no caso a escola pública que como tantas outras necessita de recursos humanos e materiais. De nada adiantará ficar reclamando do que não tem, é preciso agir, tomar decisões ter a autonomia de um profissional que sabe o que deve ser feito e não ficar como uma figura oprimida que só faz o que lhe mandam fazer e se não mandam não faz. Assim, devem saber que mesmo quando a instituição não propicia meios, os professores precisam promover o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

A profissão docente é permeada de desafios e um deles é justamente a questão da autonomia que esse profissional precisa ter, não é que ele vá fazer o que quiser sem respeitar seus superiores, não é isso afinal existem regras que devem ser seguidas em uma instituição escolar. Porém, é preciso utilizar o bom senso e saber a hora de se impor e tomar decisões. A autonomia deve ser trabalhada no campo pedagógico como meio de influenciar os alunos, pois o professor torna-se uma figura representativa no qual seus alunos irão se espelhar seja por suas qualidades o que os inspiram a almejem serem iguais aos seus professores seja por aversão as suas atitudes. O professor autônomo é sinônimo de alunos mais comprometidos e críticos.

Como o fio condutor dessa pesquisa está atrelado à identificação de elementos tanto de planejamento quanto de conteúdos relacionados à educação para as práticas étnico-raciais desenvolvidas na Educação Infantil, faz-se necessário trazer a tona uma discussão pertinente principalmente às possibilidades que se abrem diante da discussão dessas relações.

### **2.3 Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil**

Como o objeto de estudo dessa pesquisa tem por foco o ensino para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil é válido ressaltar que nos achados da pesquisa foi continuamente enfatizado o caráter basilar que se tem a Educação Infantil. Segundo as docentes a etapa da Educação Infantil tem um incomensurável valor para a formação dos alunos. Ao questioná-las sobre esse valor, foi enfatizado conforme as professoras, que a escola é a “primeira” instância em que a criança irá receber as noções e valores necessários para sua formação.

*A educação infantil pra mim é à base de tudo. É na educação infantil que a gente irá trabalhar os valores... Principalmente ligados a questão étnico-racial. (Professora Maria- entrevista cedida em 06 de julho de 2016, no interior da escola)*

*Em minha opinião a Educação Infantil é a base para a criança que esta iniciando a sua vida escolar esta deve ser bem fundamentada para quer a criança possa conseguir um bom desempenho. (Professora Carla- entrevista cedida em 08 de julho de 2016, no interior da escola)*

Essa concepção é imprescindível no que concerne ao entendimento de Educação para a formação de sujeitos críticos e reflexivos desde muito cedo, desvelando a obsoleta visão que a sociedade e até mesmos alguns professores tinham de que Educação Infantil compete apenas em brincadeiras destituídas de significados e intenções. Registra-se aqui o quão importante é o lúdico nesse processo, porém como meio instrumental e intencional para o desenvolvimento dos alunos. Na óptica da Prof<sup>a</sup> Educadora, o lúdico é fundamental para o desenvolvimento do aprendizado desses alunos,

*A educação infantil para mim é algo assim que tem que ser tratada de forma diferenciada... É necessário trabalhar de forma lúdica... Quando a criança brinca ela se interessa mais e interage melhor... O aprendizado flui. (Professora Educadora- entrevista cedida em 05 de julho de 2016, no interior da escola)*

Diante desse relato comprova-se que a brincadeira está ligada intrinsecamente a metodologia, a maneira pela qual o docente conduz sua aula. Cada sala de aula é única e precisa ser vista na sua amplitude, e singularidade fazendo as conjecturas necessárias para

conduzir sua aula da melhor forma possível. Entende-se que a exposição do conteúdo não é uma única forma de mediar o ensino, que precisa está constantemente sendo significado e avaliado pelo próprio docente em consonância com o desenvolvimento de seus alunos. As brincadeiras propiciam um maior relacionamento, interação das crianças e torna-se um momento propício para a propagação e ensino das diversas culturas e das relações étnico-raciais já que se trata de espaço multicultural e heterogêneo. Nesta prerrogativa Antunes (2007) ressalta que,

A aula expositiva é uma maneira de se ministrar aula, mas não é e não pode ser a única maneira. Se um profissional não concebe situações de aprendizagens diferentes para se respeitar diferentes estilos de linguagens em seus alunos e se as aulas que ministra não fazem do aluno o centro do processo de aprendizagem, o que a elas se está impingindo com o nome de aula não é aula verdadeira (ANTUNES 2007, p. 23).

Pode-se notar que esta é uma fase importante do desenvolvimento da criança, cabendo assim ao docente a responsabilidade de acompanhar e instigar as competências de cada um deles. O processo formativo desses profissionais torna-se essencial, bem como a relação da família com a escola. Ponto bastante lembrado pelos docentes. É relevante ressaltar que a escola almeja a construção de sujeitos para o mercado de trabalho primando por um ensino de qualidade. Contudo, é necessário que ambas saibam de suas responsabilidades para não ficar culpando ou jogando seus deveres para a outra. A parceria escola-família deve caminhar sempre junta em prol da aprendizagem dos aluno/filhos, para que possam formar profissionais e sujeitos aptos a se relacionarem e também promoverem as relações étnico-raciais para além do campo escolar, levando-a para seu cotidiano; para sua vida.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º discorre:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

A escola tem que respeitar os saberes prévios que os alunos trazem juntamente com a família, e a família deve ter consciência que o trabalho da escola deve ser continuado em casa. Torna-se necessário que uma instância auxilie a outra, pois não tem sentido a família incentivar seu filho a relacionar-se com os diferentes tipos de pessoas e a escola enaltecer apenas uma determinada cultura, minimizando a importância das outras. Haja vista que,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Portanto, uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo, o aluno. A escola deve também exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando-os sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças.

[...] se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos (PIAGET, 2007, p. 50).

A escola precisa saber lidar com os diversos tipos de pais que existe, pois há os que são comprometidos e engajados para com o desenvolvimento educacional de seus filhos e há também os que não estão dispostos por falta de tempo ou por algum outro fator, a acompanhar, participar da rotina dos seus filhos na instituição. Para tanto se torna relevante a comunicação no tocante a Educação que está sendo mediada a seus filhos, para que os pais possam estar cientes do processo ensino-aprendizagem no todo. Principalmente no que diz respeito ao processo de ensino para as relações étnico-raciais que devem ser trabalhadas visando à continuação no processo no âmbito familiar.

*É como eu falei... Se estiverem trabalhando família escola e comunidade junta à educação anda bem melhor... Mas se for só a escola não tem como... Tem que está juntos... Porque o aluno já vem de casa... E o professor precisa conhecer a realidade desse aluno para adequar a sua metodologia... Conhecer a família desse aluno. (Professora Rosana- entrevista concedida em 07 julho de 2016, no interior da escola)*

Novamente voltamos ao ponto chave da comunicação e relação da escola para com a família e vice versa. No tocante ao desenvolvimento do ensino para as relações étnico-raciais na educação infantil, comunicação esta que pode está acontecendo sem os devidos cuidados necessários para que ocorra uma fluência no diálogo entre ambas.

Percebemos neste estudo que geralmente o processo escola-família é desencadeado sem os devidos e desejáveis cuidados preliminares: é muito comum os sistemas de ensino e escolas partirem direto para a

negociação/cobrança de responsabilidades das famílias, antes de compreenderem as condições dos diversos grupos de familiares dos alunos (CASTRO e REGATTIERI e UNESCO 2010, p.16).

No relato de uma das docentes, ela enfatiza a questão temporal que pode ser um fator negativo para o desenvolvimento de seu trabalho com seus alunos. Apesar de que a docente pode não estar sabendo otimizar a relação transversal em seu tempo pedagógico na ação educativa. Pois já que ela diz não saber se há uma continuidade, é importante que aproveite e organize o seu tempo para trabalhar os conteúdos com seu alunado,

*[...] Ate porque o professor fica 04 (quatro) horas com a criança... Em casa não sabemos se há a continuação do que tem sido trabalhado aqui. (Professora Maria-entrevista cedida em 06 de julho de 2016, no interior da escola)*

Neste caso nota-se que não está acontecendo uma interação muito menos a compreensão de que esses pais podem não ter o entendimento necessário para dar continuidade a esse processo de ensino-aprendizagem. Talvez não tenham tido oportunidade de ter uma dada Educação como os seus filhos têm. Falar em relação étnico-racial é abrir um leque gigantesco de informações em nossa história, pois apesar de ser uma temática recentemente aberta ao público e trazida para o centro das discussões conforme prevê a Lei 10.639/03,

Prevista no art. 26<sup>a</sup> da Lei 9.394/1996 (LDB), objetiva a ampliação de conhecimentos acerca da educação para as relações étnico-raciais e, conseqüentemente para a eliminação do racismo e do etnocentrismo no ambiente escolar e na sociedade brasileira. O estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (BRASIL 2004).

Dada as adversidades da complexidade e importância da temática é perceptível que os docentes sabem principalmente da Lei que torna o ensino obrigatório, porém na prática da sala de aula esse ensino ainda esta sendo pouco trabalhado. O que se coloca nesse ponto é o fato de apesar de conhecer a temática, estarem cientes da Lei e da obrigatoriedade do ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil não a trabalham como deveriam trabalhar. É preciso que aconteça o estímulo como ressaltou a docente em um trecho da entrevista.

*[...] A relação étnico-racial em sala de aula é fundamental a gente ter a consciência do diferente... Não existem salas homogêneas. Todos somos diferentes e essas diferenças devem ser aceitas... Esse trabalho tem que ser estimulado diariamente não só como projetos que fazemos e realizamos em sala de aula... É algo que deve ser estimulado diariamente, pois irá servir tanto na questão do discente em sala de aula como pra sua vida social. (Professora Maria-entrevista cedida em 06 de julho de 2016, no interior da escola)*

Outras docentes ao serem indagadas sobre o que entendiam por Educação Étnico-Racial responderam que.

*Relação étnico-racial é a existência de diferentes grupos... Pessoas de diferentes características físicas mantendo relação entre si... No convívio em sociedade... É preciso trabalhar. (Professora Educadora- entrevista cedida em 05 de julho de 2016 no interior da escola)*

*Preconceito... Racismo... É preciso trabalhar isso... Até mesmo nos desenhos podemos identificar as formas de discriminação por conta da cor... Das diferenças que há entre eles... (Professora Rosana- entrevista concedida em 07 julho de 2016, no interior da escola)*

*É uma relação que envolve todas as etnias... Precisa ser trabalhada de forma que percebam que todos são iguais mesmo sendo diferentes. (Professora Carla-entrevista cedida em 08 de julho de 2016, no interior da escola)*

Em seus relatos pode-se observar que há uma discrepância no entendimento de uma para outra. Porém com a recorrente presença de que “é preciso trabalhar essa temática”. Ou seja, elas têm a plena convicção de que não dá pra ocultar as discussões a respeito das relações étnico-raciais em sala de aula, não trabalhar as relações étnico-raciais na Educação Infantil constitui-se em uma forma de negação de parte da história desses sujeitos, Freire(1996) salienta que,

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raças, classe, gênero,

ofende a subjetividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (FREIRE,1996, p. 39-40).

Essa negação ainda acontece principalmente no âmbito educacional, mesmo sendo um espaço multicultural e heterogêneo a escola infelizmente ainda é palco de situações de preconceito discriminação e não aceitação. Os alunos não se aceitam e o currículo da instituição oferece, mas não prioriza essa temática ajudando no crescimento dessas desigualdades. A esse respeito a docente enfatiza que,

*Infelizmente no Brasil o assunto étnico-racial é marcado por desigualdades e discriminações, principalmente contra os negros e indígenas...*  
(Professora Ana- entrevista concedida em 09 de julho de 2016, no interior da escola)

Esse cenário discriminatório passou por mudanças ao longo dos anos. A figura do negro do índio entre outros foi sendo historicamente reconhecida, ganhando espaço na sociedade e reconhecimento dos seus direitos e igualdade perante os demais, porém ainda evidenciam-se ações discriminatórias, assim como ressaltou a prof.<sup>a</sup> Ana: Haja vista que,

no espaço escolar há toda uma linguagem não verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições - formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras -, que transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento a respeito do grupo negro (CAVALLEIRO, 2010, p. 84).

As ações dos professores têm um forte efeito no processo formativo do seu alunado, é preciso que o docente se comporte de acordo com o ambiente em que ele está inserido e que se lembre sempre que não é apenas por meio da fala que ele ensina, há também sua linguagem corporal (não verbal) que está intrinsecamente ligada a esse processo de desenvolvimento do ensino e das relações étnico-raciais.

## **2.4 A Escola frente à Cultura Afro-Brasileira**

Segundo os professores entrevistados o preconceito a diversidade de raças e culturas existente em nosso País é algo historicamente enraizado e perpetuado pelas famílias de geração em geração. E apesar de ter uma trajetória marcada por mazelas e infortúnios estavam

constantemente lutando para preservarem sua cultura, uma tarefa difícil já que eram menosprezados e tidos como moeda de troca e não como um ser humano. Neste sentido Santos (2002) salienta que,

(...) a reprodução no Brasil de todos os preconceitos europeus se dava letra por letra. A perseguição dos africanos que eram símbolos de barbárie, de decadência cultural e de inferioridade era retratada nos jornais da época de forma corriqueira entre uma notícia e outra. Lidas e relidas com certa frequência, essas notícias, em vez de informar a população, disseminavam teorias racistas. Do escravo, artigo vendido ou comprado, ao marginal negro, não havia muito espaço. O negro será retratado nos jornais: nas seções científicas, como objeto de estudo ou comprovação das teorias racistas; na seção de notícias, ora assassino, ora fugitivo, ora como um ser incapaz de viver em sociedade cometendo graves erros por ignorância, ora por suas práticas de feitiçaria ou canibalismo, ora por sua degeneração moral; na seção de anúncios, como mercadoria que se compra e venda, procurada ou encontrada (...) não podemos nos esquecer das seções policiais e dos obituários, em que a figura do negro era uma constante: é aquele que mata e também morre de forma quase sempre violenta (SANTOS, 2002, p.128).

O cotidiano de uma escola pode ser um meio de dissipação ou dispersão de atitudes preconceituosas. E assumir a heterogeneidade desse ambiente bem como a existência de tais atitudes é princípio fundante para a compreensão do caminho à mudança. É preciso tornar o ensino para as relações étnico-raciais como algo não apenas obrigatório, mas sim como forma indispensável para o processo formativo de seus alunos.

Mesmo admitindo que a escola transmita os valores das classes dominantes, cabe refletir: os alunos seriam sempre de modo homogêneo, aceitando tudo, como se fossem máquinas? (...) O processo de transmissão de ideologia na escola não ocorre sem conflito. Aos valores da classe dominante que os professores conservadores impõem na sala de aula, os alunos reagem de modo dinâmico [...] (MEKSENAS, 2003, p.81).

Nestes termos, cabe a equipe escolar – diretor, apoio pedagógico, professores, funcionários afins – colocar em exercício os preceitos da 10.639/03, anteriormente mencionados neste trabalho, pois não é só o que é oralizado que pode provocar constrangimento na criança, os olhares, gestos ou atitudes tem uma forte influencia neste processo. Uma docente enfatiza que deve ser feito trabalhos com as crianças e também com seus pais projetos que envolvam a comunidade que os levem a conhecer a temática e ao

mesmo tempo refletir sobre o que deve ser feito e que precisa deixar de ser enaltecido social e culturalmente. Como enfatiza a Prof.<sup>a</sup> Ana,

*(...) deve ser trabalhado em sala de aula através de histórias, projetos que possam envolver a família a comunidade juntamente com a escola, tentando retirar culturas enraizadas nas crianças. (Professora Ana-entrevista concedida em 09 de julho de 2016, no interior da escola)*

Trabalhar na perspectiva de trazer para o mesmo círculo a família a escola e toda a comunidade intencionando o desenvolvimento do ensino-aprendizagem desses alunos. Na óptica da prof<sup>a</sup> Rosana o que deve ser feito é a inclusão dos alunos todos trabalhando juntos em prol de um mesmo objetivo “*Podem ser trabalhadas com a inclusão... É... Trabalhar juntos... Incluir é a palavra chave nesse processo*”. É preciso não apenas incluir mais também integrá-los. Afinal estes alunos devem estar incluídos com os demais, contudo se não há a socialização a comunicação à inclusão não está sendo feita em seu caráter essencial. E se não há a inclusão na há meios para trabalhar as relações étnico-raciais em sala de aula.

[...] a inclusão ultrapassa a legitimação desse direito, ao exigir não apenas a matrícula escolar, mas o prosseguimento dos estudos até os níveis mais elevados da criação artística, da produção científica, da tecnologia. Há, então, que se conhecer as peculiaridades dos alunos, isto é, as suas diferenças. Nesse sentido, é preciso mostrá-las porém sem discriminá-las nem inferiorizá-las (ARANTES 2006, p.80).

É notório que o fato de o aluno apenas estar em sala de aula não quer dizer que esteja acontecendo inclusão, é preciso buscar métodos viáveis de inclusão e compreensão para que possam vir a existir situações propícias no âmbito escolar, contribuindo de forma eficaz na formação desse indivíduo. Portanto a integração dos pais para com a escola torna-se relevante nesse processo de inclusão e construção de saberes.

Outro dado importante quanto à inclusão da temática e conseqüentemente dos alunos citado por uma das docentes foi à questão do livro didático. A docente também fez uma ressalva a respeito de mostrar que apesar de ser pouco o livro traz a figura do negro, o que abre espaço para trabalhar a temática étnico-racial. Também disse que fazia questão de estar sempre trabalhando livros relacionados com o seu alunado incentivando-os a aceitar as diferentes culturas sem enaltecer uma ou outra. Nesta perspectiva as professoras Maria e Educadora salientam que,

[...] *Eu mostro em minha sala que cada um tem seu valor independente de ser branco negro ou índio* (Professora Educadora- entrevista cedida dia 05 de julho de 2016, no interior da escola)

[...] *utilizamos os livros paradidáticos... O ano passado trabalhamos livros como A menina bonita do laço de fita, os cabelos lêlé...* (Professora Maria- entrevista cedida dia 06 de julho de 2016, no interior da escola)

A questão do livro didático ainda causa discussões e posicionamentos adversos a respeito quando colocado em pauta. Há os que consideram essencial usá-lo desde o ingresso da criança na Educação Infantil, mas também os que pensam ser desnecessário nessa fase. Quanto às professoras entrevistadas, estas adotam o uso do livro como meio para discussões e aprendizagem de seu aluno.

Talvez a maior dificuldade enfrentada pelos docentes em relação ao livro didático, seja a inadequação, no sentido de que este livro é feito por uma elite, pertencente a uma classe social/cultural discrepante da que irá receber o material. Ou seja, o livro não considera a realidade da criança do campo, traz os conceitos e definições pertencentes à classe elitista, com raras exceções que são os livros voltados para a Educação do campo. O livro didático deve ser um instrumento viabilizador do ensino não pode ficar restrito apenas a ele, mas também não devem descartá-lo. É válido ressaltar que muitos foram os avanços na configuração da temática nos livros didáticos nos últimos 12 anos, contudo ainda é preciso que o professor tenha um olhar crítico e saiba sistematizar os conteúdos de acordo com a realidade e necessidade de seus alunos. Segundo o autor,

para ser considerado didático, um livro precisa ser usado de forma sistemática no ensino aprendizagem de um determinado objeto de conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar (LAJOLO, 1996, p.4).

É preciso adequar o que por vezes parece estar distante da realidade dos alunos, representado em termos científicos ou culturalmente diferentes nos livros didáticos. O professor precisa superar essas dificuldades transformando-as em oportunidades para desenvolver o ensino e conseqüentemente a aprendizagem de seu alunado, ensinando e discutindo sobre os conceitos que o livro traz principalmente a respeito das diferenças culturais e raciais promovendo uma melhor relação entre eles. Cavalleiro (2001) enfatiza que,

o contato com materiais pedagógicos displicente com a diversidade racial colabora para estruturar em todos os (as) aluno (as) uma falsa idéia de superioridade racial branca e de inferioridade negra (CAVALEIRO 2001, p. 154).

Nesta prerrogativa, a adequação desse material pedagógico pelo professor, tendo em vista a realidade de seus educandos torna-se essencial para valorização da cultura destes alunos e também para a superação dos entraves sociais, raciais, culturais, ou ideológicas que permeiam esse processo.

### **2.5 As Relações Étnico-Raciais no Cotidiano Escolar**

Outro dado relevante é como está sendo trabalhada as questões relativas as relações étnico-raciais no dia a dia em sala de aula, e como os professores lidam com as situações de preconceitos mediante as demandas escolares e familiar, já que no decorrer das análises foi bastante evidenciado a participação ou a falta de participação familiar. E o quanto a família esta diretamente ligada no processo das relações étnico-raciais.

Ao indagar uma docente sobre se há dificuldades na realização de trabalhos envolvendo a temática. A mesma respondeu em um trecho da entrevista que,

*Sim... As dificuldades... São as famílias... Elas não aceitam que seus filhos tenham amigos negros... Isso dificulta o trabalho docente. (Professora Selma entrevista concedida no dia 10 de julho de 2016, no interior da escola)*

Novamente a família aparece como empecilho no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Não se faz aqui um juízo de valor dos professores ou da família, não é isto! Apenas, diante desses relatos vê-se um nível exacerbado de julgamentos, onde a culpa é sempre do outro, lembrando que os deveres e responsabilidades eram pra ser de todos e não apenas de uma das instâncias. Nem sempre os conhecimentos valorizados pelo grupo familiar são mesmos valorizados pelas escolas e vice-versa, talvez esse deva ser o ponto a ser trabalhado na intenção de melhorar essa relação. E aprimorando esse relacionamento pode-se está também resolvendo a dificuldade que ainda há em se trabalhar as relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

### **2.6 O que Pensam os Professores a Respeito das Relações Étnico-Raciais**

Nessa premissa vislumbrava-se saber o posicionamento das docentes em relação à temática, na sua essência considerando seus valores e princípios e não apenas o que estar ou não posto no currículo da escola em que trabalham. Uma vez que a concepção era particular

aos sujeitos entrevistados, seja esta concepção científica ou senso comum. As docentes em trechos da entrevista relataram que,

*[...] É um tema que deve ser discutido e planejado durante todo o ano. É fundamental trabalhá-lo. (Professora Ana-entrevista concedida em 09 de julho de 2016, no interior da escola)*

*Considero necessário... É importante que tenham conhecimento para melhorarem a sua visão de mundo enquanto pessoa. (Professora Selma-entrevista concedida em 10 de julho de 2016, no interior da escola)*

*[...] Deve ser aprofundada a questão do respeito... Todos somos humanos e com os mesmos direitos temos que ser tratados como gente... Você não vai deixar de ser gente por conta da sua cor do seu cabelo. É uma questão de respeito... É bom respeitar para ser respeitado... (professora Maria-entrevista cedida em 06 de julho de 2016, no interior da escola)*

Mediante as falas das docentes é válido elucidar que durante toda a trajetória formativa do educador ele vai acumulando conhecimentos e experiências. Conhecimentos estes que subsidiam a sua prática em sala de aula, significando e oportunizando o aprendizado das diferentes culturas. É preciso superar a ideia de que a Educação Infantil é um espaço harmônico e sem conflitos, pois as crianças desde pequenas percebem as diferenças entre si, comparando-se umas às outras e muitas vezes expressam atitudes que revelam preconceitos. Brasil (2004) afirma que,

As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa (BRASIL, 2004, p. 14-15).

É a partir dessas formas de discriminação que os professores precisam trabalhar o respeito às diferenças, assim como promover a auto-estima das crianças negras por meio dos materiais pedagógicos, brinquedos e brincadeiras e no cuidado da criança, tendo desde os primeiros anos o contato com a cultura Afro-Brasileira. A questão de pesquisa desta investigação intencionava saber com estava sendo trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Mediante os relatos das

professoras (sujeitos participantes da pesquisa) viu-se que está acontecendo esse ensino, porém de forma falha, desconsiderando que esse mesmo ensino é relevante para a formação humana e social destes alunos.

Desta forma mediante os relatos dos sujeitos das pesquisa, faz-se necessário mencionar aqui a organização do trabalho pedagógico, da escola. Que contempla programas como PNAIC(Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) e o E-ProInfo que é um software público, desenvolvido pela Secretária de Educação a Distância-SEED do Ministério da Educação-MEC. No que concerne ao acompanhamento pedagógico na transversalidade a escola disponibiliza de uma oficina de karatê, ministrada por um profissional da área, onde as crianças são atendidas no contra turno de seu horário de aula, recebendo noções básicas do Esporte e convivência social. O que implica diretamente na formação desses alunos e nas suas relações de convívio em sociedade. Neste sentido com uma organização pedagógica pautada na transversalidade do ensino a implementação do ensino das relações étnico-raciais torna-se mais viável e menos negligenciada.

### **CAPÍTULO III - PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O intuito desta pesquisa foi identificar de que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil. A partir das informações obtidas com as docentes que participaram da pesquisa, faz necessário analisar as concepções dessas professoras, tendo como fio condutor a parte do fechamento da análise que pauta o terceiro objetivo específico da investigação que é verificar se há situações de preconceito e eventualmente como estão sendo trabalhadas essas questões no cotidiano da sala de aula. Para tanto se questionou as docentes sobre a importância dessas relações Étnico-Raciais no cotidiano da sala de aula, a fim de saber, seu posicionamento diante do assunto em questão e a reação de seus alunos mediante os conceitos e definições a respeito das Relações Étnico-Raciais.

Sabe-se que o ensino das relações étnico-raciais, o ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana tornou-se obrigatório. O Conselho Nacional de Educação institui no inciso§1 do Art. 3º da Lei 10.639/03 que,

a Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.(BRASIL,2004)

Faz-se necessário que o docente compreenda a relevância em respeitar e colocar na prática o que institui a Lei 10.639/O3. O professor enquanto mediador do conhecimento torna-se responsável juntamente com a instituição escolar em que atua por atender as demandas e necessidades de seu alunado, isto inclui o ensino para as relações étnico-raciais e a diversidade cultural existente no âmbito das relações étnico-raciais.

Alguns princípios foram elencados para nortear as ações de ensino dos docentes, tendo como referência bases filosóficas e pedagógicas presentes nas DCN. Quanto a esses princípios foi feito uma síntese sucinta de seu caráter normativo para as relações étnico-raciais, tendo em vista o norteamto necessário para os professores em relação ao desenvolvimento do ensino das relações étnico-raciais em sala de aula.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, afirma que o princípio da consciência política e histórica da diversidade deve conduzir ao:

- À igualdade básica de pessoa humana como sujeito de direitos;
- À compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;
- Ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira;
- À superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que os negros, os povos indígenas e também as classes populares às quais os negros, no geral, pertencem, são comumente tratados;
- À desconstrução, por meio de questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar conceitos, idéias, comportamentos veiculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial, que tanto mal fazem a negros e brancos;
- À busca, da parte de pessoas, em particular de professores não familiarizados com a análise das relações étnico-raciais e sociais com o estudo de história e cultura afro-brasileira e africana, de informações e subsídios que lhes permitam formular concepções não baseadas em preconceitos e construir ações respeitadas;
- Ao diálogo, via fundamental para entendimento entre diferentes, com a finalidade de negociações, tendo em vista objetivos comuns; visando a uma sociedade justa (BRASIL, 2013 p.504).

Ainda segundo as DCN o fortalecimento de identidades e de direitos é o princípio que deve orientar para,

- O desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida;
- O rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;
- O esclarecimento a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal;
- O combate à privação e violação de direitos;
- A ampliação do acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico-raciais.
- As excelentes condições de formação e de instrução que precisam ser oferecidas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, em todos os estabelecimentos, inclusive os localizados nas chamadas periferias urbanas e nas zonas rurais (BRASIL, 2013 p.504).

Essas orientações vem para dar respaldo a prática teórico-metodológica dos professores, que devem pautar seu ensino tendo como parte integrante de sua base estes princípios, para que possam implementar o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil de forma que este ensino promova um ensino justo e igualitário, respeitando as especificidades de cada um. Desta forma vê-se a relevância de tais princípios no que diz respeito à implementação do ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil mediada pelos docentes concomitante a sua prática e metodologia.

Caracterizam-se ainda as **ações educativas de combate ao racismo e a discriminações** que encaminham para,

- A conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e brancos no conjunto da sociedade;
- A crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das 505 representações dos negros e de outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como providências para corrigi-las;
- Condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem, assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes das diferenças;
- Valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura;
- Educação patrimonial, aprendizado a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando a preservá-lo e a difundi-lo;
- O cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnico-raciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos entre diferentes grupos étnico-raciais, às alianças sociais;
- Participação de grupos do Movimento Negro, e de grupos culturais negros, bem como da comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração de projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade étnico-racial. Estes princípios e seus desdobramentos mostram exigências de mudança de mentalidade, de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de suas tradições culturais. É neste sentido que se fazem as seguintes determinações:
  - O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito

de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas. (BRASIL, 2013 p.504-505).

As ações educativas encaminham os professores para compreenderem que é preciso ter a noção de que são responsáveis na construção da nação brasileira, e por desenvolver e valorizar os elos culturais e históricos desses alunos, contemplando o ensino para as relações étnico-raciais e efetivando a implementação desse ensino na Educação Infantil. Para tanto é preciso que estes professores saibam trabalhar a temática das relações étnico-raciais numa vertente que amplie o campo de conhecimento de seu alunado a respeito dessas relações, por meio de suas práticas pedagógicas, de suas experiências profissionais e pessoais que podem ser um auxílio essencial para o desenvolvimento e aprimoramento na mediação do conhecimento para ensino-aprendizagem desses alunos.

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em atividades curriculares ou não, em que: – se explicita, busque compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana; – promovam-se oportunidades de diálogo em que se conheçam, se ponham em comunicação diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, além da construção de projeto de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor, defender sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos o façam; – sejam incentivadas atividades em que pessoas – estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino – de diferentes culturas interatuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um.
- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais, tal como explicita o presente parecer, se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática (BRASIL 2013, p.505).

Esses são alguns dos princípios que devem subsidiar a prática docente, já que tais princípios instigam o professor, no que condiz a adequação de sua prática mediante o contexto em que está inserido. Ao analisar esses princípios nota-se que, as DCNs para as relações étnico-raciais, visam não apenas dizer o que tem que ser feito, mas também, mostra meios de como deve ser feito, em diferentes níveis e modalidades do ensino. O que em relação ao contexto e práticas dos sujeitos participantes desta pesquisa torna-se algo fundamental já que estes sujeitos recorrentemente enfatizavam a dificuldade que tinham em trabalhar a temática em sala de aula.

A inserção do conjunto dos apontamentos dos dispositivos legais relativos às Diretrizes Curriculares Nacionais para as relações étnico-raciais na discussão desta investigação tornou-se necessária para mostrar que apesar dos professores continuamente enfatizarem a problemática da falta de incentivo e o fato de que a Lei nº 10.639/03 é algo distante de suas realidades, vê-se por meio dos princípios e das diretrizes a que pertencem que esses princípios conduzem, orientam e encaminham o profissional docente para que ele assuma seu papel, seus direitos e deveres, para que possa pensar, agir e refletir juntamente com seu alunado, sobre qual a melhor maneira de mediar esse ensino e de trabalhar as relações étnico-raciais de forma positiva, superando os conflitos e as discriminações que podem acontecer no cotidiano escolar, e para além dele, nas relações de convívio e lutas por democratização nos espaços sociais, discriminações que ocorrem principalmente quando não é trabalho a temática, ocultar não resolve o problema.

Quanto à questão dos conflitos gerados não tão somente pela ausência da temática, mas também por seu ensino que pode estar sendo posto de forma inadequada no que concerne ao ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil, a Prof<sup>a</sup> Rosana, um dos sujeitos da pesquisa, ao ser questionada se há dificuldades em trabalhar a temática das relações étnico-raciais em sala de aula ela enfatiza que,

*Existe... Por se tratar de um assunto muito difícil de ser trabalhado... A inclusão... O preconceito... Não tem como... É muito difícil de ser trabalhado esse assunto... Assim como já falei a exclusão é um ponto determinante... Muitas das vezes esse racismo vem até da própria criança... Ele mesmo se exclui... Fica difícil trabalhar... Ele não se aceita e acaba se excluindo não querendo debater tal assunto. Existem sim... Essas dificuldades estão principalmente relacionadas às atividades... A temática já é algo puxado né?... E quando vamos debater se torna algo extenso... Falar de preconceito e racismo é algo difícil... E quando se fala em racismo entra*

*o preconceito... Pois não é simplesmente a cor... Entra a questão do magro, do gordo, o que tem sarnas o que usa óculos... Do racismo já adentra na questão do preconceito... Entra tudo não somente a questão da cor... Não há um modelo perfeito na sala de aula. (Professora Rosana-entrevista cedida em 07 de julho de 2016, no interior da escola)*

Diante deste relato entende-se que, a docente apesar de se encontrar no recorte temporal como uma docente experiente<sup>2</sup>, ainda reproduz concepções próprias de uma profissional inexperiente, reportando-se a temática como algo “difícil”, “puxado”, desconsiderando o caráter normativo e fundamental que as relações étnico-raciais possuem. É preciso à docente saber lidar com tais dificuldades, a metodologia usada para abordar a temática em questão para trabalhar de modo produtivo e eficiente para com seu alunado.

O debate deve ser algo prazeroso, que traga novos conhecimentos para os alunos, momento no qual eles possam trazer à tona seus anseios, suas curiosidades e também suas dúvidas com relação à temática que está sendo debatida. E isto não está acontecendo, pelo contrário, segundo alguns sujeitos da pesquisa, a exemplo da Prof.<sup>a</sup> Rosana tornou-se “extenso” e cansativo o debate a respeito do ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. É até aceitável que docentes vejam a temática das relações étnico-raciais como algo complexo. Isso por englobar questões de racialização referentes à cultura, a raça, entre outras, dilemas que essas que ainda não são muito bem trabalhados em sociedade, e por conseguinte, na escola, mas não significa dizer que não devem ser abordados no contexto da sala de aula por serem difíceis de serem trabalhadas.

Nesta prerrogativa o fato do próprio aluno se excluir pode estar diretamente ligado à metodologia de ensino do professor. Se o próprio professor demonstra ser algo difícil, cansativo de ser trabalhado, não deve esperar que seu alunado se mostre interessado diante da temática. Esses alunos não podem nem devem ser considerados culpados nesse processo.

A não aceitação desses alunos devem ser vista não como dificuldades, mas sim como oportunidades de lhes mostrar toda a riqueza cultural e histórica que engloba as relações étnico-raciais, desvelando as práticas taxativas que inferiorizam e menosprezam o negro em relação ao branco. Trabalhar, expô de modo positivo todas as formas possíveis a temática para

---

<sup>2</sup> Termo usado para referir-se a uma das etapas do recorte temporal do ciclo de vida profissional dos professores apresentados no estudo de HUBERMAN (1989) citado no segundo capítulo dessa pesquisa.

as relações étnico-raciais é a forma mais correta de superar essas dificuldades o que oportunizará o aprendizado e desenvolvimento quanto a formação de seus alunos.

Nessa prerrogativa é válido ressaltar que o docente deve ter consciência de que não pode apenas apontar o erro, as dificuldades, que se tem em mediar, em realizar atividades voltadas para o ensino das relações étnico-raciais na Educação Infantil. As propostas pedagógicas e diversidades das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil visam assegurar que, devem ser trabalhadas de forma iguais respeitando seus princípios, suas identidades e singularidades, não se deve buscar a homogeneidade dessas culturas até mesmo porque isso seria inviável, o que deve ser feito é aceitar que temos povos diferentes com culturas diferentes, pensamentos diferentes e conhecer entender essas diferentes culturas e respeitar o processo de cada uma delas torna-se imprescindível para o desenvolvimento educacional desse aluno.

- O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;
- A dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes (BRASIL 2010, p. 21).

O professor torna-se responsável, por colocar esses direitos assegurados por Lei em prática, sendo dever dele e da instituição escolar garantir a proteção destas crianças, para que não aconteçam negligências principalmente no ensino, por conta de sua cor ou pertença cultural. A cultura afro-brasileira deve ser trabalhada tanto quanto a cultura branca, nem uma cultura é melhor ou maior que a outra. São diferentes o que não significa dizer que são melhores ou piores. Em sala de aula as relações étnico-raciais devem ser estimuladas e discutidas abertamente. Só o conhecimento é capaz de superar as barreiras que a discriminação ergue.

Em um trecho da entrevista a Prof.<sup>a</sup> Maria, enfatiza a questão do respeito aos direitos enquanto seres humanos que somos, em sua fala ela afirma a necessidade de “*tratarmos as pessoas com respeito, não considerando apenas a sua cor, mas respeitando-o enquanto ser humano dotado de direitos como qualquer outro*”. Apesar de a sociedade fazer essa exclusão de classes é preciso trabalhar, propor ações que superem com as formas de exclusão e o primeiro passo para isso é formando cidadãos conscientes e críticos que conheçam sua história e que não tenham vergonha dela. O respeito deve ser o primeiro passo para a

mudança. “[...] *Todos somos humanos e com os mesmos direitos. Temos que ser tratados como gente [...]*” (Professora Maria-entrevista cedida em 06 de julho de 2016, no interior da escola) é preciso que o professor tenha um olhar despido de pré-conceitos estabelecidos por ele próprio ou inculcados pela sociedade, a sala de aula requer um profissional com um olhar crítico reflexivo e que sua óptica permeie-se nos princípios éticos.

O ambiente escolar, e toda a sociedade brasileira, encontram-se repleta de uma realidade em que as diferenças étnicas e culturais não são respeitadas, ao contrário, são incentivadas pela mídia, difundindo preconceitos e práticas racistas por todo o país, mostrando um racismo velado... Para Santos (2001), o caminho para vencer o preconceito no espaço escolar é:

[...] no cotidiano escolar a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela estereótipos e idéias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente e docente etc.) precisam ser duramente criticados e banidos. É o caminho que conduz a valorização da igualdade nas relações. E para isso, o olhar crítico é ferramenta mestra (SANTOS, 2001, p.105).

O posicionamento dos professores em geral, não apenas dos sujeitos participantes da pesquisa é fundamental nesse processo. Eles precisam intervir para que práticas preconceituosas não se perpetuem no âmbito escolar. A ausência de iniciativas diante dos conflitos entre os alunos podem indicar a criança discriminada menosprezo e falta de apoio dos seus professores para com a situação que este aluno vivência, como por exemplo, quando esta criança não vê sua cultura sendo trabalhada em sala de aula, a história de seus antepassados sendo velada perante a cultura branca e elitista.

Sair da ignorância reconhecer e valorizar o outro e a diversidade é uma forma de repensar o ensino e viabilizar uma Educação para as relações étnico-raciais. Apesar da Educação não poder resolver tudo sozinha ocupa um espaço de destaque em nossa sociedade que tem uma diversidade multicultural de proporções significativas. A escola não tem o poder de reverter anos de desqualificação da população negra e supervalorização da branca, mas pode possibilitar por meio de um ensino pautado na valorização dessas culturas e no respeito às diferenças a formação de sujeitos conscientes que corroborem com a diversidade e o ensino das relações étnico-raciais.

Desenvolver ações estratégicas no âmbito da política de formação de professores, a fim de proporcionar o conhecimento e a valorização da história dos povos africanos e da cultura Afro-Brasileira e da diversidade na construção histórica e cultural do País torna-se

necessário para que esse profissional venha a ter subsídios teóricos para o desenvolvimento eficiente de sua prática educativa para com seus alunos.

Os professores precisam saber que é essencial trabalhar a Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil, pois desde a mais tenra idade as crianças têm elementos para perceber diferenças nas relações, podendo associá-las ao pertencimento racial. E quando o professor não tem domínio sobre a temática acaba por não se posicionar perante algumas situações que exige dele conhecimento e discernimento para solucionar dilemas, quando o professor se cala, não se posiciona acaba contribuindo para a perpetuação de práticas discriminatórias, colaborando para que, de um lado, crianças negras, em sua maioria, cresçam tímidas, temerosas e envergonhadas de si mesmas, e de outro lado, as instituições educacionais continuem sendo ambientes que não as acolhem, negando insistentemente sua história e cultura.

É preciso que a escola junto com seu corpo docente divulgue e produza conhecimentos que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial. Devem elaborar em conjunto estratégias de intervenção e educação para a necessidade de constante combate ao racismo, ao preconceito, e a discriminação. Neste caso a formação continuada dos professores entra como recurso relevante para a produção e aprimoramento destas ações.

O professor precisa estar atento e estimulando formas positivas de interação entre os alunos. Ressaltar situações que o negro tenha destaque positivo pode influenciar significativamente na formação da identidade dessas crianças, possibilitando que as crianças expressem seu potencial, suas habilidades, e curiosidades e que possam construir uma autoimagem positiva. Isto por meio de atividades ou outros meio quaisquer que se adéque melhor a seus alunos.

Outro fator relevante que a instituição escolar deve priorizar para o desenvolvimento e formação de seus alunos é a relação da escola com as famílias de seus educandos. É preciso a instituição propiciar e oportunizar projetos que tragam a família para dentro do âmbito escolar. Desta forma eles poderão viabilizar uma continuidade para o que está sendo ensinado em sala de aula seja reforçado em casa, atendendo a demanda e a falta de convívio da família com a escola. Neste sentido algumas pesquisadas ressaltam a importância do trabalho docente, como pode ser visto no relato a seguir.

Em um trecho da entrevista a Prof<sup>a</sup>. Carla enfatiza a questão de que por meio do trabalho do professor em relação à temática étnico-racial é possível ampliar o campo de visão desses alunos, mostrando-os a importância que as relações étnico-raciais têm no que diz

respeito a seu processo formativo. Conhecer é uma forma de desmistificar a própria visão de mundo que esses alunos podem ter pré-concebido no que concerne à diversidade racial. Para tanto a Prof<sup>a</sup> Carla traz que,

*Os alunos costumam ouvir as explicações do professor... E mediante os ensinamentos e explicações, sinto que eles melhoram... Que mudam sua forma de pensar, quando conhecem verdadeiramente a temática. (Professora Carla-entrevista cedida em 08 de julho de 2016, no interior da escola)*

É necessário trabalhar a discussão da diversidade racial já na infância. Se a criança não for preparada desde cedo, com muita dificuldade se conseguirá romper com esses preconceitos que podem estar presentes no próprio meio em que ela convive, e com essa convivência a perpetuação desses padrões discriminatórios que essa criança aprende com certeza fará parte de sua vida. Compete assim ao professor lutar para superação de práticas racistas e preconceituosas, independentemente de seu pertencimento étnico-racial, e crença religiosa o professor deve ser um profissional ético e usar sua melhor base de competência em sua prática educativa que é o ensino, para superar os obstáculos postos pela classe elitista em relação à formação de consciências, referencializando-se especialmente, a luz da Educação para as relações étnico-raciais, nesse caso, singularmente, na Educação Infantil.

É lamentável que em um país com tamanha pluralidade em sua população como é o caso do Brasil, ainda se encontre tantas crianças e jovens que negam sua identidade, também em função do desconhecimento de sua história. Nessa perspectiva é válido olhar para a escola (corpo docente e não docente) não somente como uma dimensão de alfabetização pelo letramento por si, mas entendê-la como meio viabilizador de um crescimento e formação cultural de ensinamentos e descobertas das experiências étnico-raciais, via alfabetização integral dos sujeitos que escolariza. A história de luta dos negros na sociedade brasileira tem que ser contada e não velada ou excluída do currículo. Pois,

é flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para relacionarem com os alunos negros evidencia, também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar. Interagem com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades (CAVALLEIRO, 2000, p. 35).

A autora aponta um fato importante nesse processo que é a falta de preparo dos educadores para se trabalhar as relações étnico-raciais e o seu desinteresse em incluir esses alunos. É importante que a escola adote um currículo que promova a consolidação de valores, de princípios de conduta e das normas de convívio, dos padrões sócio-culturais sem enaltecer uma determinada cultura em detrimento da outra. Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem em seu conceito de Pluralidade Cultural o seguinte,

para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados. Sabe-se que as regiões brasileiras têm características culturais bastante diversas e a convivência entre grupos diferenciados nos planos sociais e culturais muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação. O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural (BRASIL, 1997 p.27).

Os PCN's foram criados com o intuito de atender as demandas da sociedade brasileira por uma educação que privilegie a diversidade étnico cultural, admitindo a existência de diferentes etnias e culturas, como também as injustiças e desigualdades existentes no ambiente escolar, que como já foi mencionado é um espaço propício para a reprodução das desigualdades culturais.

É importante que o professor tenha um conhecimento a respeito do que é a cultura, para que possa despir-se de seus próprios preconceitos, pois mesmo sem perceber acabam disseminando essa forma errônea de pensamento, propagando ações que inferiorizam o negro. Uma vez que,

esse entendimento de cultura é necessário para o professor na medida em que ele atua em um sistema que através da tradição seletiva impõe a cultura dominante efetiva a alunos de segmentos étnicos e raciais diversos, colocando-a como a 'tradição' e o passado significativo. O conteúdo é realmente significativo quando este é relacionado com o contexto sócio-cultural do aluno e lhe propicia o domínio do conhecimento sistematizado (SILVA, 2001, p.102).

O professor tem que assumir que foi formado em uma sociedade preconceituosa, e que seu maior desafio será trabalhar e desconstruir ideologias pautadas na desumanização. Para

isso é preciso que suas ações visem reconstruir a identidade étnico-racial e a auto-estima dessas crianças (alunos) o que conseqüentemente refletirá na sua aprendizagem. Essa reconstrução requer a adoção de estratégias pedagógicas e políticas públicas que valorizem a diversidade e superem as desigualdades étnico-raciais existentes nos diferentes níveis de ensino da Educação brasileira.

Há a necessidade de que o professor, cada vez mais, ratifique a compreensão de que se deve trabalhar as relações étnico-raciais em sala de aula, trazendo toda a amplitude e significância que a temática tem. Deve-se procurar valorizar a cultura dos discentes, proporcionando o aprendizado e conhecimento destes. Em um trecho da entrevista a prof<sup>a</sup>. Carla adentra nessa discussão explicando que,

*Na sala de aula os professores são orientados para trabalhar a questão dos valores no contexto geral (Professora Carla- entrevista cedida em 08 de julho de 2016, no interior da escola).*

Nesta prerrogativa percebe-se que a instituição escolar não está propiciando um ensino voltado para o conhecimento da singularidade das relações étnico-raciais na Educação Infantil. Não que ensinar no contexto geral seja errado, não é isto! Porém esse método pode acabar por reduzir o ensino e o aprendizado dos educandos que em alguns casos não terão outra forma de contato com a temática das relações étnico-raciais senão no âmbito escolar pelo que é mediado por seus professores.

É necessário o desenvolvimento de produção e divulgação de conhecimentos que visem uma sociedade justa para que então a escola possa desempenhar a contento sua função de educar e formar cidadãos que possam atuar (na área da Educação ou qualquer outro campo de sua escolha) na sociedade em que estão inseridos, sabendo que estão verdadeiramente aptos para adentrar no mundo do trabalho ou em quaisquer outros espaços de democratização, humanização e condições objetivas de um mundo com mais justiça social, que promova o relacionamento dos sujeitos com outras culturas e que tudo isso deve ser instigado já na Educação Infantil que é a base do processo formativo desses sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordado no início do trabalho à educação para as relações étnico-raciais tem papel fundamental na promoção do convívio social entre os estudantes. É válido elucidar quão significativa é a participação do professor nesse processo, sendo o mesmo responsável por apresentar-lhes os conceitos e definições a respeito da temática, auxiliando-os e esclarecendo as possíveis dúvidas que não são raras de aparecer quando o assunto abordado é algo tão velado e às vezes até mitificado pela sociedade.

Sabe-se que a Educação Infantil é à base do processo formativo, para tanto é preciso que o ensino seja redirecionado, considerando as especificidades dos educandos valorizando sua cultura e ensinando-os princípios norteadores da Educação para as relações étnico-raciais, desta forma o professor estará subsidiando a formação de seus educandos na perspectiva humana, propiciando uma formação humanizada, que considera não apenas os conceitos mas no que estes conceitos implicam para construção de sujeitos que se preocupam com seus pares e como suas ações podem influenciar os que rodeiam-no.

Espera-se que esta pesquisa subsidie melhor a compreensão de que é possível por meio da Educação criar oportunidades para a contribuição de uma nova lógica a respeito do ensino para as relações étnico-raciais e da necessidade de ter educadores em sala de aula aptos a trabalharem com a diversidade cultural, capazes de perpassar e criticar o currículo que em alguns casos não atende a demanda étnico-racial. É salutar que todo o corpo docente da instituição escolar esteja ciente de que fazem parte de uma instância educativa que deve preconizar a mediação de conhecimentos vislumbrando a formação e capacitação de seus educandos, seres humanos e que seus métodos de ensino devem basear-se, além da instrumentalização, na e para a formação humana desses alunos mediante a implementação do ensino para as relações étnico-raciais que apesar dos avanços obtidos no decorrer dos anos ainda deixam a desejar quanto a sua implementação no cotidiano da sala de aula e principalmente na Educação Infantil que é a base do processo formativo desses sujeitos.

Quanto à questão que se vislumbrava responder nessa pesquisa a respeito de que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil? É possível dizer mediante os relatos das professoras que apesar de conhecerem a Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Infantil esse ensino ainda não acontece como deveria, ou seja, segundo os professores faltam subsídios necessários para a efetivação desse trabalho

com a referida temática. Todavia é preciso que os docentes ampliem seus horizontes e consigam vê para além da falta de recursos que acabam por acarretar em alguns casos no desempenho falho e ineficiente no que concerne a mediação do conhecimento do professor para com seus educandos, implicando em uma formação cheia de *déficit* sobre a diversidade racial e cultural o que poderá trazer consequências futuras para esses educandos, mediante sua socialização na sociedade, seja no mundo do trabalho, seja na convivência social.

A análise de como estava sendo trabalhado esse ensino, possibilitou uma maior compreensão no que diz respeito à forma como o professor lida com as mais diversas situações no cotidiano escolar e de como o mesmo é importante na mediação dos conhecimentos correspondentes as relações étnico-raciais. Desta forma, compreender a relevância em trabalhar a temática no cotidiano de suas aulas torna-se imprescindível para o bom desempenho desse profissional concomitante a formação de seus educandos que deve se pautar em princípios humanos, considerando que esta formação humanizada irá contribuir para a construção de sujeitos melhores e dotados de capacidades e singularidades que perpassem os pré-conceitos estabelecidos pela própria sociedade em relação a diversidade. Tudo isso deve ser mediado por meio do ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Apesar de ser enfatizado pelos docentes que trazem essa temática para o centro das discussões, é recorrente em suas falas que algumas crianças não se aceitam ou não aceitam o coleguinha por ser diferente dele. E ao serem questionadas sobre tal atitude boa parte dos docentes comentaram que a família é uma grande incentivadora. As queixas mais freqüentes foram que tudo que é trabalhado na escola é desfeito em casa. Neste sentido pensa-se que essa investigação poderá contribuir para mostrar aos professores que o problema não está apenas nas famílias, mas que os próprios professores podem não estar sabendo otimizar a relação transversal em seu tempo pedagógico na ação educativa. O que se torna um fator negativo e determinante no que diz respeito ao ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Mediante a investigação foi possível perceber que mesmo em um processo lento, foram obtidas algumas vitórias ao longo dos anos. Uma delas foi à implementação da obrigatoriedade do ensino da História e cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas. Embora as ações legais não possam dar conta por si só de romper com essas visões preconceituosas, ajuda a amenizar as desigualdades, pois não se trata de educar todos como iguais, mas sim educar na diferença respeitando as especificidades de cada um para que assim

se possa contribuir para um ensino e formação de sujeitos culturalmente distintos, mas humanamente iguais.

É preciso que haja compromisso por parte dos educadores e das autoridades do campo educacional, político, econômico e cultural em propiciar meios que viabilizem discussões, e apresentem abordagens que impliquem no aprimoramento do ensino das relações étnico-raciais. Para a partir desta prerrogativa os professores também se mobilizem e tragam para dentro das suas salas de aula a discussão sobre o ensino das relações étnico-raciais mediante a formação educativa e humana de seus educandos.

Para tanto, penso ser imprescindível que haja uma relação mais estreita e harmônica entre a instituição escolar e a família uma vez que estas fazem parte da base de formação das crianças (alunos). É necessário que a instituição crie projetos que tragam a família para dentro da escola, para que a mesma perceba que o trabalho feito em sala de aula precisa de uma continuação em casa, e assim então possam finalmente ter uma Educação de qualidade, pautada no respeito, na ética e com valores, que amenizem as desigualdades e tragam mais oportunidades para todos, estabelecendo em consonância com as políticas de ações afirmativas empreendidas pelo Estado, em todos os níveis de ensino e que atendam a demanda e a necessidade de se trabalhar as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ARANTES, V. A. (org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96. Brasília. MEC, 1996**
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente 8069/90**. Brasília. MEC 2004.
- BRASIL .  **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004.**
- CARNEIRO, M. L. Tucci. **O racismo na História do Brasil**. São Paulo: Ática, 2003.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos: **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Educação e Poder ; racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo, Summus, 2000.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na Educação:repensando nossa escola**. São Paulo, 2001: Selo negro.
- CORTELLA, Mario Sergio. In: \_\_\_\_\_; LA TAILLE, Yves. **Nos labirintos da moral**. Campinas: Papirus, 2005.
- DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas/SP Ed. Autores Associados, 1996.
- DESCARTES, René. **Discurso do método** – regras para a direção do espírito. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- DURKHEIM, Émilie. **Educação e Sociologia. 1917-1958**. São Paulo: MelhoramentoRio de Janeiro Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- FREIRE,PauloDisponível em:<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/teorias-teoricos/paulo-freire-educacao.pdf>. Acesso em: 20 de Nov de 2015
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- HUBERMAN, Michel. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1995, p. 31-61.

JACQUARD, Albert. **Pequeno manual de filosofia para não filósofos**. Lisboa: Terramar, 1997.

LAJOLO, Marisa. “**Livro didático: um (quase) manual de usuário**”. Em Aberto, n. 69, p. 2-9, 1996.

LIBÂNEO, J. C.(mai./ago.1984) **Educação escolar, políticas, estruturas e organização**.2ª ed. Cortez, (2005). Campinas, S. Paulo, Brasil

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. - São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Lucia de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002, p.117- 132.

MELLO, Roseli Rodrigues. Comunidades de Aprendizagem e a participação educativa de familiares e da comunidade: elemento- chave para uma educação de êxito para todos. In: Educação Unisinos. 165-175 p, maio/agosto 2014. Disponível em:< <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2014.182.07> Acessado em 23 de Jul de 2016.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**. São Paulo: 11ª ed. Loyola, 2003

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

\_\_\_\_\_. Identidade, cidadania e democracia :algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

\_\_\_\_\_. A DESCONSTRUÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO. In. MUNANGA, Kabengele. SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA. Ed. 2. Brasília.LTDA, 2008.

PERES, A. N. (2000). **Educação Intercultural: Utopia ou Realidade?** (Processos de 88 pensamento dos professores face à diversidade cultural: integração de minorias migrantes na escola. Profedições, Porto.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. São Paulo: Summus, 1984. P.62.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PIMENTA, Selma Garrida (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos". In: Cavalleiro(org.) **Racismo e anti-racismo na educação**. São Paulo: Summus, 2001.

SCHNEIDER, Alberto. “**Mistificações da ciência**”. Revista História Viva Temas Brasileiros.

N. 3. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso de idéas que naturalizaram a inferioridade dos negros.** São Paulo/ Rio de Janeiro. Fapesp/ Educ/ Pallas, 2002.

SANTOS, J. E. dos. Os Nagôs e a morte. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático.** Salvador. EDUFBA, 2001.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade – a forma social negro-brasileira.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

UNESCO. **Interação escola família:** subsídios para práticas escolares. CASRTO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza (org). Brasília, 2009. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192) Acessado em: 29 de Dez. de 2015.

## **APÊNDICES**



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## FORMULÁRIO DE ENTREVISTA-APÊNDICE A

### PESQUISA:

O ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DOS DESAFIOS ÀS AÇÕES EDUCATIVAS

### QUESTÃO DE PESQUISA:

De que modo tem sido implementado o ensino para as relações étnico-racial na educação infantil?

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Pseudônimo Escolhido: \_\_\_\_\_

Formação básica:

Graduação: ( ) Sim ( ) Não - Qual:

\_\_\_\_\_  
Especialização: ( ) Sim ( ) Não - Qual:

\_\_\_\_\_  
*Stricto Sensu*: ( ) Sim ( ) Não - Qual/Em  
que: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação como docente na escola que trabalha: \_\_\_\_\_

Tempo de inserção na comunidade em que fica a atual escola: \_\_\_\_\_

Participa de algum movimento social vinculado à docência:

( ) Sim ( ) Não - Qual(is): \_\_\_\_\_

## 2. QUESTÕES:

- 2.1 Qual a sua concepção acerca da educação infantil?
- 2.2 No que o processo formativo do docente pode influenciar no ensino?
- 2.3 Quais as competências necessárias para o bom desempenho do trabalho docente, mediante o ensino para as relações étnico-raciais na educação infantil?
- 2.4 O que você entende por relação étnico-racial?
- 2.5 Como acontecem essas relações étnico-raciais em sala de aula?E como fundamentalmente podem ser ou estão sendo trabalhadas?
- 2.6 Como a escola tem valorizado a cultura afro-brasileira?Cite alguns exemplos, por favor.
- 2.7 Existem dificuldades no que concerne a realização de trabalhos envolvendo as questões étnico-raciais? Quais as mais recorrentes, por favor.
- 2.8 É criado meios que viabilizem discussões a respeito da temática étnico-raciais? Quais as mais recorrentes, por favor.
- 2.9 Como os alunos reagem diante das discussões relativas à educação para as relações étnico-raciais?
- 2.10 Você enquanto educador (a) considera importante a discussões sobre tais questões? Por quê?



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-APÊNDICE B**

Meu nome é Jociara Rejane da Silva, eu sou graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande e o Sr. (a) está sendo convidado (a), como voluntário (a), à participar da pesquisa intitulada **“O ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”**

**JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:** As intenções e motivações desse estudo deve-se ressaltar a necessária e devida contribuição da temática para o campo das ciências sociais no que concerne a procedimentos de organização e administração escolar, inerentes à mediação e/ou interação entre o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil na e para a sociedade. O objetivo dessa pesquisa é analisar como tem sido implementado o ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil O (os) dados serão coletados da seguinte forma: o Sr. (a) irá responder um roteiro de perguntas no transcorrer da entrevista semiestruturada que abordará pontos relacionados ao ensino para as relações étnico-raciais na Educação Infantil, bem como os conteúdos que poderiam ser trabalhados para a efetivação dessas relações. E como os alunos reagem mediante a exposição da temática em sala de aula e as concepções dos professores a respeito das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

**DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:** Não haverá desconforto ou risco mínimo previsível para o (a) Sr. (a) que se submeter à coleta dos dados, tendo em vista tratar-se apenas de respostas a um questionário, onde não haverá identificação individualizada e os dados da coletividade serão tratados com padrões éticos (conforme Resolução CNS 466/12) e científicos, sendo justificável a realização do estudo porque através da análise dos resultados obtidos será possível de que modo tem sido trabalhado ou pode-se trabalhar com a Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil.

**FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSINTÊNCIA:** A participação do Sr. (a) nessa pesquisa não implica necessidade de acompanhamento e/ou assistência posterior, tendo em

vista que a presente pesquisa não tem a finalidade de realizar diagnóstico específico para o senhor, e sim identificar fatores gerais da população estudada. Além disso, como no roteiro não há dados específicos de identificação do Sr. (a), a exemplo de nome, CPF, RG, etc., não será possível identificá-lo posteriormente de forma individualizada.

**GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:** O Sr. (a) será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O Sr. (a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de prestação de serviços. O (s) pesquisador (es) irá (ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. O Sr (a) não será citado (a) nominalmente ou por qualquer outro meio, que o identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado, assinada pelo Sr. (a) na última folha e rubricado nas demais, ficará sob a responsabilidade do pesquisador responsável e outra será fornecida ao (a) Sr. (a).

**CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:** A participação no estudo não acarretará custos para Sr. (a) e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Não é previsível dano decorrente dessa pesquisa ao (a) Sr. (a), e caso haja algum, não há nenhum tipo de indenização prevista.

**DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE:** Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci todas minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de participar da pesquisa se assim o desejar. O (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_ certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, no que se refere a minha identificação individualizada, e deverão ser tornados públicos através de algum meio. Ele compromete-se, também, seguir os padrões éticos definidos na Resolução CNS 466/12. Também sei que em caso de dúvidas poderei contatar o professor orientador **Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes**, através do telefone 83 9914 2019. Além disso, fui informado que em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo poderei consultar o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro, o CEP/HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador responsável

Seres Humanos, sito à Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. Telefone: (83) 2101-5545.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____	_____	
Nome	Assinatura do Participante da Pesquisa	
_____	_____	_____
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data